

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
CAROLINA DE GOIS LAUFER

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A REPRESENTATIVIDADE FEMININA
BRASILEIRA NA ARQUITETURA E URBANISMO DO SÉCULO XXI**

CASCADEL
2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
CAROLINA DE GOIS LAUFER

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A REPRESENTATIVIDADE FEMININA
BRASILEIRA NA ARQUITETURA E URBANISMO DO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Teórico-
conceitual, como requisito parcial para a
aprovação na disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação.

Professora Orientadora: Prof^a. Arq. Me. Sirlei
Maria Oldoni

CASCADEL
2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG
CAROLINA DE GOIS LAUFER

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: A REPRESENTATIVIDADE
FEMININA BRASILEIRA NA ARQUITETURA E URBANISMO DO SÉCULO XXI**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professora Arquiteta Mestre Sirlei Maria Oldoni.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora
Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz
Prof^ª. Arq. Me. Sirlei Maria Oldoni

Professora Avaliadora
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Dr^a Silmara Dias Feiber

Cascavel/PR, 16 de outubro de 2019

RESUMO

Este trabalho busca discutir a igualdade de gênero, focada especificamente na representatividade feminina brasileira na Arquitetura e Urbanismo do século XXI. O objetivo é identificar a atuação feminina em cargos protagonistas do campo arquitetônico e urbanístico, buscando entender como o percurso profissional feminino tem se destacado nos últimos anos. A hipótese é de que ainda falta representatividade de mulheres em espaços de protagonismo da profissão. A base para essa pesquisa se fundamenta em estudo bibliográfico acerca do tema, assim como a análise de publicações de revistas de arquitetura para quantificar a produção arquitetônica feminina e ainda, levantamento de dados sobre cargos ocupados por mulheres no ramo profissional da arquitetura e do urbanismo.

Palavras chave: Representatividade; Feminismo; Arquitetura; Urbanismo.

LISTA DE SIGLAS

ABEA – Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo

AsBEA – Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura

AUPD – Arquitetura, urbanismo, paisagismo e design

CAU – Conselho de Arquitetura e Urbanismo

CAUFAG – Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz

CDNM – Conselho Nacional dos Direitos da Mulher

CIALP – Conselho Internacional de Arquitetos de Língua Portuguesa

FNA – Federação Nacional dos Arquitetos

FPAA – Federação Pan-Americana de Associações de Arquitetos

GUEDAU – Grupo de Estudos e Discussões em Arquitetura e Urbanismo

IAB – Instituto de Arquitetos do Brasil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MAM RJ – Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

MASP – Museu de Arte Moderna de São Paulo

MEC – Ministério da Educação

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA – População Economicamente Ativa

SICCAU – Sistema de Informação de Comunicação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo

TFT – Taxa de Fecundidade Total

UIA – União Internacional dos Arquitetos

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADOS AO TEMA DA PESQUISA.....	11
1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS	11
1.2 A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO.....	14
1.3 A ARQUITETURA E URBANISMO NA HISTÓRIA E SEUS ATORES	18
1.4 A MULHER NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO.....	25
1.4.1 A mulher arquiteta brasileira.....	29
1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	31
2. ABORDAGENS DE ANÁLISE.....	32
2.1 A ANÁLISE DE REVISTAS SEGUNDO SEGAWA; CREMA E GAVA (2003):	32
2.2 A ANÁLISE DE REVISTAS SEGUNDO SÁ (2010):.....	33
2.3 A ANÁLISE EDITORIAL BRASILEIRA DE ACORDO COM DEDECCA (2012):	34
2.4 A ANÁLISE DE REVISTAS DE ACORDO COM FONTES (2016):	35
2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO.....	36
3. APLICAÇÃO AO TEMA DELIMITADO: AS REVISTAS, AS INSTITUIÇÕES E OS PRÊMIOS DE ARQUITETURA.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está relacionada à disciplina de Trabalho de Curso, do Curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz – TC CAUFAG, na linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo, sendo parte do o grupo de pesquisa GUEDAU (Estudos e discussões sobre a arquitetura e urbanismo), a qual pretende gerar discussão a respeito do tema principal da pesquisa (CAUFAG, 2019).

Partindo da informação que atualmente o mercado de trabalho na área da arquitetura e de urbanismo é predominantemente feminino¹ (SICCAU, 2019), o assunto da pesquisa retrata a igualdade de gênero na área da Arquitetura e do Urbanismo. O tema enfatiza a representatividade feminina brasileira na arquitetura e urbanismo do século XXI. No Brasil, a questão é abordada de maneira interdisciplinar e estudos relacionados à relação da mulher e o campo arquitetônico e urbanísticos ainda são escassos (ARAÚJO, 2006, p. 18).

As tendências sociais, morais, sentimentais e intelectuais representam o momento da história em que a arquitetura é feita (ZEVI, 1996, p.53). Sendo um campo abrangente, ligado à arte e a técnica, a arquitetura é em sua essência, social e a discussão de gênero está presente em todas as estruturas sociais (FONTES, 2016, p.25).

Agrest (1965, p.585) ressalta que o alicerce do pensamento arquitetônico no ocidente se fundamentou em uma arquitetura genérica, que neutralizou o sexo e criou o sujeito “universal”. Porém, a história e a linguagem utilizadas se revelaram como um mecanismo para invisibilizar a mulher, onde a figura, proporção e escrita masculina acabaram por consolidar o homem como protagonista central, pois quando se trata da história feminina da arquitetura, as pesquisas relatam sofrer deslegitimação, de maneira que os trabalhos relacionados às mulheres fossem feitos apenas para elas, como um anexo a história “original” da arquitetura (FONTES, 2016, p.104).

Beauvoir (1970, p.21) revela que discussões feministas prezam pela igualdade completa dos sexos, onde a feminilidade não se torna um obstáculo – problema que para uma mulher parece essencial e que para homens, denotam o desinteresse.

Adichie (2014, p.60) relata que a conotação negativa relacionada à questão de gênero e principalmente ao termo “feminismo” se dá principalmente pela falta de reflexão dos homens

¹ De acordo com a pesquisa apresentada pelo Sistema de Informação e Comunicação do CAU (SICCAU, 2019) em março de 2019, atualmente, 63,10% dos arquitetos e urbanistas ativos e registrados no Brasil são mulheres, enquanto 36,90% são homens. Para ser mais exato, o total de profissionais brasileiros somam-se em 167.060, sendo 105.420 mulheres e 61.640 homens.

acerca do tema, visto que não experienciam o mundo da mesma maneira que as mulheres e estão habituados a usufruir da dominância, assim, presumem a inexistência às problemáticas relacionadas ao temas.

Como definem Montaner e Muxí (2014, p.18) a diversidade é um conceito novo, complexo e abrangente, que engloba diferentes crenças, escolhas e culturas. Por isso, essa pesquisa parte da igualdade entre homens e mulheres, negando a hierarquização dos gêneros e a submissão entre os mesmos.

Apesar da discussão de gênero ser complexa e geralmente causar desconforto, como aponta Antunes (2012, p.10), a atual pesquisa se justifica, primeiramente, em defender a profissão arquitetônica como plural e igualitária em oportunidades para homens e mulheres, fundamentando-se no compromisso social de apoiar uma arquitetura mais inclusiva e homogênea e colaborar na criação de uma sociedade mais ética e tolerante.

A segregação política e social privilegiou o homem ao longo da história, ocultando as mulheres e conseqüentemente a sua produção (LOURO, 1997). Por isso, a pesquisa procura contribuir com a produção acadêmica na área da arquitetura e urbanismo, buscando trazer reconhecimento para discussão de gênero e a invisibilidade feminina. O prejuízo histórico causado pela ofuscação da produção arquitetônica das mulheres é, em partes, irreparável, porém, através dessa pesquisa, espera-se que o trabalho atual delas receba a atenção e credibilidade merecida.

Ainda, pretende-se motivar profissionais da área a refletirem sobre as diferentes realidades que existem no campo, na diversidade de indivíduos que compõem o universo da Arquitetura e do Urbanismo e como cada um desses indivíduos é capaz de produzir uma arquitetura de qualidade independente do seu gênero – e que merecem o reconhecimento por conceber e construir um novo mundo, de maneira igualitária.

Montaner e Muxí (2014, p.198) relatam que as mulheres foram silenciadas e afastadas do protagonismo na história, apesar de serem atuantes em todo o percurso da civilização ocidental. E que a ocultação feminina ainda é um problema na atualidade. Desse modo, a pesquisa tem o seguinte questionamento: a representatividade feminina brasileira cresceu com o aumento do número de mulheres atuando na área da arquitetura e do urbanismo no século XXI? Inicialmente, a hipótese é que apesar da atuação no campo arquitetônico ser majoritariamente feminina, acredita-se que ainda há a falta de representatividade de mulheres em espaços de protagonismo da profissão.

Desse modo, a pesquisa propõe uma discussão que tem como objetivo geral verificar se a presença feminina em espaços de protagonismo no ramo da arquitetura e do urbanismo brasileiro é proporcional ao aumento do número de mulheres atuando na área.

E para isso, os seguintes objetivos específicos são apresentados: (a) apresentar as mulheres no mercado de trabalho; (b) apresentar a gênese do desenvolvimento da arquitetura e urbanismo na história e seus atores; (c) apresentar as mulheres na história da arquitetura e do urbanismo brasileiro; (d) apresentar as abordagens da análise; (e) apresentar as principais associações de arquitetos brasileiros e a ocupação de seus cargos de destaque nos últimos 20 anos; (f) Definir quais são os principais prêmios de arquitetura no Brasil e enumerar a participação feminina nos mesmos no século XXI; (g) quantificar a publicação de obras feitas por mulheres em revistas e (h) concluir em resposta ao problema da pesquisa.

Como marco teórico norteador da pesquisa, utiliza-se a simples, mas categórica afirmação de Elzbieta Hibner (1992, p.148): “Quanto mais perto do topo você chega, menos mulheres você encontra.”

A pesquisa é sustentada através de pesquisa bibliográfica, como aponta Manzo (1971), através da bibliografia pode-se resolver problemas já conhecidos ou explorar novas áreas onde os problemas não são precisos. Gil (2002) ressalta que a pesquisa bibliográfica permite ao investigador cobrir uma gama de fenômenos muito mais ampla sobre o objeto de estudo.

Ainda, apresenta caráter exploratório e de acordo com Marconi e Lakatos (2003), a investigação da pesquisa tem o objetivo de obter descrições tanto qualitativas² quanto quantitativas³ do objeto de estudo.

Para Gil (2002), pesquisas de caráter exploratório podem ser desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas e no caso dessa pesquisa, a análise de revistas se caracteriza como uma das mais importantes fontes bibliográficas, pois tendem a ser mais profundas e bem elaboradas.

Para atingir os objetivos, esse trabalho está dividido em quatro capítulos. Para introduzir o tema, o primeiro capítulo versará primeiramente sobre os quatro pilares da formação do arquiteto e urbanista e também fundamentará como se deu a inserção feminina no mercado de trabalho em um contexto geral, buscando entender os obstáculos enfrentados

² De acordo com Neves (1996), o estudo qualitativo é feito através da interpretação de fenômenos de acordo a situação ou o ponto de vista do objeto de estudo. A pesquisa é direcionada ao longo de seu desenvolvimento, sem o uso de instrumentos estatísticos para analisar os seus dados.

³ Para Neves (1996), a pesquisa quantitativa se baseia em hipóteses nitidamente apontadas para definir um plano que será seguido com rigor. O estudo faz o uso de estatísticas, medidas e números para análise de dados.

pelas mulheres e de que modo atingiram as suas conquistas. Assim sendo, o capítulo apresentará ainda, os principais atores idealizadores da arquitetura desde a gênese da mesma e então, como as mulheres se enquadraram dentro da profissão.

O segundo capítulo trata sobre a apresentação de correlatos de autores que se fundamentaram em revistas para elaborar suas pesquisas. Esses correlatos tem o propósito de guiarem a autora da atual pesquisa, através de pesquisadores que realizaram trabalhos relevantes ao meio acadêmico e que possuem metodologias aproximadas. Assim, podem auxiliar quanto à delimitação dos critérios a serem utilizados e esclarecer ao leitor sobre como o estudo proposto por essa pesquisa foi realizado.

O terceiro capítulo é o responsável por introduzir os itens a serem analisados na próxima etapa da pesquisa, apresentando os objetos de estudo, sendo duas revistas responsáveis por divulgar, noticiar e transmitir o conhecimento arquitetônico para profissionais e a sociedade em geral; instituições brasileiras que representam e coordenam o campo profissional da arquitetura no país e por fim, as premiações mais prestigiadas da arquitetura e do urbanismo que acontecem no Brasil.

1. FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADOS AO TEMA DA PESQUISA

Este capítulo apresenta as aproximações do tema central da pesquisa com os fundamentos arquitetônicos, também designados como os quatro pilares da arquitetura, revelando a conexão entre história e teorias da arquitetura, projetos, tecnologias e planejamento urbano com o conteúdo do trabalho. Essa relação demonstra a relevância de referências na formação acadêmica de arquitetura e urbanismo e ainda, amparam a pesquisa através de parâmetros fundamentados.

Também, o capítulo contextualiza o início da mulher no mercado de trabalho no mundo e no Brasil; ainda, fornece um breve relato da história da arquitetura e do urbanismo e seus principais atores, com foco relevância de seus legados para o campo arquitetônico. Além disso, apresenta a mulher na história da arquitetura e do urbanismo, salientando a oposição à condição masculina na sociedade.

1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

A arquitetura é descrita como a alma de uma sociedade, assim como a fisionomia humana é a expressão verdadeira da alma de um indivíduo. (BATAILLE, 1970, p.171).

Pallasmaa (2011, p.11) afirma que a verdadeira arte com significado é capaz de se relacionar diretamente com a consciência de uma pessoa e então a arquitetura, como arte, é capaz de provocar experiências que toquem diretamente a identidade do usuário e alterar a sua percepção do mundo. Partindo desse princípio, Mezalira e Spolaor (2018, p.16) ressaltam que a vivência no espaço e o contato com a arquitetura é capaz de influenciar o comportamento de uma sociedade. Ainda, declaram que a reprodução de convenções sociais repressoras relacionadas ao gênero ao longo da história dessa mesma sociedade definem o seu percurso e essa mesma história é utilizada para se repensar o presente. A invisibilidade da mulher ao longo da história da arquitetura deve ser analisada para que se possa entender quais comportamentos e discursos passados ainda predominam atualmente.

Desse modo, Zevi (1996, p.53) diz que através da narrativa da arquitetura de uma civilização, é possível entender sua própria história e uma série de seus interesses humanos.

Montaner e Muxí (2014, p.30) insistem que no percurso da civilização, a construção social dos gêneros privou a mulher do mundo público, de sua expressão e produção. E para

Agrest (1965, p.586), a sociedade estabeleceu normas onde os indivíduos incapazes de se enquadrar, foram reprimidos – e a mulher, ao aspirar afirmar sua posição na sociedade, foi tida como neurótica, feiticeira ou histérica.

A esfera pública e a privada variam de acordo com cada cultura e época onde certa sociedade está inserida. Os limites de um espaço comum e de um espaço privado podem ser percebidos de maneira inteiramente diferente por dois indivíduos em realidades diferentes (NETTO, 2014, p.35). Para se apreciar plenamente o âmbito privado, é necessário ter acesso à vida pública – o que foi vetado às mulheres na construção da sociedade moderna (MONTANER E MUXÍ, 2014, p.30).

Mayorga (2019, p.9) ressalta que a separação entre o espaço público e privado é também simbólico, onde o homem tem domínio sob o espaço do interesse comum, o espaço racional e público e a mulher, é encarregada do espaço particular, afetivo e privado, o que também gerou consequências no planejamento urbano e suas políticas. Montaner e Muxí (2014, p.208) salientam que a percepção de uma cidade é totalmente diferente para um homem e para uma mulher, em razão da vivência das mulheres como acompanhantes e atribuições relacionadas ao seu gênero. Uma mãe com bebê no carrinho de rodas exige calçadas acessíveis, uma mulher desacompanhada que necessita do transporte público demanda rotas que atenda ao seu deslocamento e ainda, calçadas iluminadas, para sentir-se segura.

Jacobs (2000, p.77) afirma que a segregação e discriminação tem relação direta com o contato público e a segurança nas ruas – e essas injustiças tornam-se mais fáceis de serem corrigidas com o planejamento e o desenho de uma cidade mais segura.

A segregação ocorreu em diversos campos na arquitetura e no urbanismo. Acreditava-se que homens eram mais capacitados para atuarem na parte de tecnologia da construção, enquanto a decoração era responsabilidade feminina. (KUHLMANN, 2014, p. 17).

Um exemplo da opressão feminina na arquitetura foi dentro da escola alemã Bauhaus, como relata Lima (2004, p.86-95). Segundo Glancey (2001, p.174) a Bauhaus Dessau foi uma escola de artes e ofícios, que passou a ensinar arquitetura a partir de 1927 com seriedade, sob a direção de Walter Gropius, tornando-se uma lenda na história das escolas de arquitetura. Além da admissão de mulheres ser dificultada na escola, quando conseguiam o ingresso na Bauhaus, geralmente eram enviadas para a tecelagem ou outros trabalhos artesanais – pelo receio masculino da arquitetura feminina tornar-se demasiadamente decorativa. Assim, as potencialidades femininas na construção acabaram sendo eclipsadas (LIMA, 2004, p.90).

Dessa maneira, foram criados papéis fixos na sociedade para cada gênero atuar. A

definição do que seria apropriado para uma mulher produzir foi especificado por uma série de hierarquias definidas pela sociedade (MONTANER E MUXÍ, 2014, p. 197). Como resultado, segundo o que aponta Lima (1999, p. 44), as mulheres encontraram dificuldade em atuarem na área projetual e de construção, e então optaram por seguir outro caminho: o campo teórico. Por não apresentarem competição direta com os homens e por ser uma atividade “aceitável”, o registro escrito se tornou a porta de entrada para as mulheres na arquitetura. Também, porque podiam escrever estando dentro de seus lares e do âmbito doméstico. Outra razão, é que tinham conhecimento do funcionamento de uma residência e da organização espacial necessária para tornar uma casa mais funcional, e então começaram a escrever sobre o ambiente doméstico. Os primeiros registros escritos que introduziram a mulher na teoria arquitetônica foram de Catherine Beecher⁴, “Tratado da Economia Doméstica” em 1841 e anos depois em 1869, publicou “A Casa da Mulher Americana”, com sua irmã Harriet Beecher⁵.

Assim, a presença feminina começou a ganhar mais força no campo arquitetônico, porém em uma escala reduzida. A problemática da invisibilização feminina só passou a ser discutida no início dos anos de 1970, com as mulheres aderindo cada vez mais às universidades e com os movimentos políticos feministas que pediam pela libertação feminina (PERROT, 2009, p. 113).

Antunes (2012, p.10) ressalta que apenas nos anos de 1990, discussões e debates sobre a presença feminina na arquitetura ganharam notoriedade, quando se passou a perceber a mulher como utilizadora dos espaços, sejam eles arquitetônicos ou urbanísticos, ou como a criadora dos mesmos. Ainda, que na contemporaneidade, apesar de críticos de arquitetura possuírem visão política e social ainda há a omissão entre o contexto social atual da presença feminina na arquitetura.

Saffioti (1987, p.33) explica que apesar da presença feminina estar ativa na sociedade contemporânea, ainda há a concepção da mulher ser passiva quando oposta ao homem, que é visto como ativo.

⁴ Catherine Beecher (1800-1878) foi uma escritora estado-unidense precursora da defesa da igualdade entre homens e mulheres. Escreveu inúmeros tratados sobre a residência doméstica, com foco na saúde das mulheres e no conforto (MAS, 2012).

⁵ Harriet Beecher Stowe (1811-1896), irmã de Catherine Beecher, foi uma escritora nascida em Connecticut – Estados Unidos, envolvida em causas pró-abolicionistas, feministas e religiosas. Escreveu mais de dez livros sobre o assunto, incluindo A Cabana do Pai Tomás, considerado o primeiro grande livro com herói afroamericano (FIGUEIRÊDO, 2001).

1.2 A MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Nas sociedades antigas, a divisão do trabalho era realizada de acordo com o sexo, onde o homem era designado ao trabalho de caçador e a mulher era responsável pelo âmbito familiar. Na sociedade egípcia antiga, apesar da divisão sexual do trabalho ainda ter se mantido, vale lembrar que as mulheres desfrutavam do poder jurídico, podendo até se divorciarem e ainda possuíam certa participação social (PRATAS, 2011, p.162). A responsabilidade de prover sustento para a casa era masculina, assim como toda a participação social era apenas incumbida ao homem. Devido à mulher ter sido restringida ao espaço privado, seu contato com o mercado de trabalho foi mínimo (PROST, 2003).

Saffioti (1987, p.47-60) mostra que o patriarcado – sistema de dominação masculina sob a mulher – estabeleceu-se no mundo há cerca de seis milênios. Na Grécia e na Roma antiga, estando ele fundido ao sistema escravocrata. O mesmo se perpetuou no sistema feudal, fazendo do patriarcado o sistema mais antigo sistema de dominação-exploração.

Beauvoir (1970, p.125) destaca que alguns privilégios existiam nas aldeias da Idade Média: a mulher participava de assembleias nas aldeias e de reuniões para definir os governantes aos Estados Gerais e ainda tinha o poder de decisão sob a posse dos bens da família. Foi no século XVI então, que as mulheres foram encarceradas no lar doméstico, perdendo a pouca participação social que possuíam, tendo como justificativa a fragilidade feminina. Mas, de acordo com Duby (2011, p.14), apesar de obterem alguns privilégios, mesmo na Idade Média a mulher era reprimida de dois modos: o primeiro através da cultura matrimonial ruralizada – onde a mulher era obrigada a se casar para preservar o patrimônio em posse da família; e o segundo através de uma construção eclesiástica, onde a sexualidade era vista como o mal deveria ser refreada.

Avançando na história, Perrot (1995, p.15-17) relata que a situação da mulher obteve certa mudança somente através do aparecimento dos estudos antropológicos e sociológicos, que possuíam interesse em relatar a história das mulheres. Também, outro fator de mudança, foi o surgimento dos movimentos das mulheres em busca por direito iniciados na França a partir dos anos 1970. Esses movimentos sociais foram responsáveis por fomentar diversas discussões e reflexões acerca do tema feminista. Fontes (2016, p.35) relata que os ideais da Revolução Francesa do século XVIII, despertou a sociedade no que se refere a desigualdade e injustiças no campo do trabalho.

Beauvoir (1970, p.17) relata que na Revolução Industrial, as reivindicações feministas

saíram do campo teórico para o campo econômico, fazendo com que a emancipação feminina se tornasse uma ameaça aos burgueses, que defenderam com veemência as antigas tradições onde a mulher deveria estar restrita ao lar. Ainda, Pedro (2004, p.292) descreve que a presença feminina nas indústrias foi importante para aumentar a mão-de-obra. Porém, a imagem idealizada de sua distinção frágil comparada ao homem, justificou o pagamento de baixos salários e da exclusão.

Scott (1991, p.444) descreve que a entrada da mulher no mercado de trabalho era vista como impossível, pois a sua atividade de criar os filhos e os afazeres domésticos as impediriam de trabalhar fora de suas casas por longos períodos. Assim, outra justificativa surgiu para o pagamento de salários mais baixos, pois as mulheres teriam de abandonar o emprego remunerado em reflexo de suas obrigações domésticas e maternas.

A divisão sexual do trabalho que no período pré-histórico enaltecia o homem pela sua força física e capacidade de proteção, foi então substituído, no século XIX, pelo discurso da divisão através de dois princípios básicos: a separação entre os gêneros, alegando que há trabalhos específicos para homens e específicos para mulheres, e a hierarquização, que valoriza muito mais o trabalho masculino em relação ao feminino (SÁ, 2010, p.92).

O valor do trabalho feminino influenciou diretamente na contratação da mão-de-obra da mulher no século XVIII e XIX, onde eram sempre empregues em cargos onde o custo para a empresa seria menor. Estava claro que a mão-de-obra feminina custava menos. E ainda, os cargos incumbidos a elas era definido de acordo com o que se acreditava ser adequado às suas capacidades físicas, como trabalhos têxteis, costura ou impressão (SCOTT, 1991, p.453).

Apesar de terem conseguido espaço no mundo do trabalho com a chegada da década de 1970, a obrigação da mulher de ser responsável pela família, obrigando-a a viver a tripla jornada de trabalho (KANAN, 2010, p.248). Vieira e Amaral (2013) explicam que há consequências psicológicas graves para uma mulher na sociedade trabalhadora: a pressão social levou a mulher a carregar a culpa por optar trabalhar formalmente e não cumprir o seu “dever” maternal, e quando opta por viver em função da família, a mulher é tomada pelo sentimento de fracasso por não se inserirem no mercado de trabalho.

Segundo Adichie (2014, p.25), os homens “governarem o mundo” fazia sentido no passado, onde sua força era essencial para a sobrevivência da espécie. Mas, atualmente, a pessoa mais qualificada para a liderança reside em sua capacidade psicológica e intelectual.

1.2.1 O cenário brasileiro

No Brasil, durante o período colonial (1500-1822) a estrutura familiar era definida por um modelo patriarcal latifundiário, onde o homem era o chefe da família e proprietário das terras, dos escravos e das vidas de seus subalternos. A relação entre o homem e a mulher era apenas de dominação, onde a função da mulher se resumia a reproduzir herdeiros e obedecer às ordens do senhor, e no caso das filhas, deveriam aceitar o matrimônio arranjado imposto pelo pai em negociações lucrativas. Essa estrutura social repressiva permaneceu inalterada no Brasil por mais de três séculos. (MENDES; VERÍSSIMO; BITTAR, 2011, p.118).

D’Incao (2004, p.226) relata que o cenário da mulher reclusa só se alterou com as mudanças urbanas no fim do século XIX e início do século XX, onde a mulher da elite burguesa adquiriu a liberdade para conviver em sociedade, frequentando bailes, cafés e teatros. Porém, essa liberdade era apenas parcial, pois a mulher era submetida ao controle do marido ou do pai, devendo sempre se portar educadamente no âmbito público.

Dessa forma, Rago (2004, P.580-581) informa que a inserção feminina no mercado de trabalho brasileiro aconteceu da mesma forma que na Europa, através do início da industrialização. A mão de obra feminina imigrante constituiu grande parte da força de trabalho industrial por volta de 1890, especificamente, porque era abundante e barata. Porém, seus cargos eram principalmente na área da tecelagem e fiação, enquanto setores metalúrgicos e mobiliários eram ocupados predominantemente por homens. Porém, ao contrário do que se imagina, as mulheres não foram lentamente conquistando seu espaço nas indústrias. Independente da classe social, as mulheres enfrentavam inúmeras dificuldades como intimidação física, variação salarial, assédio sexual, desqualificação intelectual e hostilidade por parte da família em um trabalho público. Assim, as mulheres foram progressivamente expulsas do mercado fabril, enquanto em 1872 as mulheres representavam 72% da força laboral, em 1950 representavam apenas 23%.

Bassanezi (2004, p.624) relata que a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro então, se concentrou em outras áreas comerciais. Áreas como a medicina, comércio de varejo, assistência social e educação passaram a receber um maior número de mulheres empregadas, alterando definitivamente o status social feminino.

Apenas na década de 1980 que ocorre a mobilização de diferentes setores sociais em prol da redemocratização brasileira. Grupos de mulheres trabalhadoras se unem com grupos feministas, organizações sindicais e partidos políticos com o objetivo de fomentar a discussão

sobre a divisão sexual do trabalho. Assim, aos poucos, as mulheres brasileiras conseguem penetrar nas estruturas sociais ocupadas por homens, nos cargos de diretoria, partidos políticos, entre outros (GIULANI, 2004, p.644).

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2017), dentre o total de mulheres em idade economicamente ativa para participarem do mercado de trabalho, apenas 50% realmente estão inseridas no âmbito profissional.

De acordo com Jesus (2006, p.71), entre o período de 1995 a 2014, a participação feminina considerando o índice de População Economicamente Ativa (PEA) no Brasil, aumentou em 9,18%. Segundo a autora, uma das causas do aumento da participação ativa feminina no mercado de trabalho é a relação com a diminuição do número médio de filhos na família. De acordo com Alves (2019), a taxa média de filhos por mulher, chamada de Taxa de Fecundidade Total (TFT) era de 3,6 entre 1980 e 1985. Entre 2005 e 2010, a TFT diminuiu para 1,9 e a projeção é de que esse valor reduza ainda mais até 2040, chegando em 1,6 filhos por mulher.

Vale ressaltar que, como mostra IBGE (2018), o tempo médio dedicado a afazeres domésticos e/ou cuidados de pessoas é de 18,1 horas semanais para uma mulher, enquanto para um homem é de 10,5 horas semanais. Ainda, mulheres que necessitam conciliar o trabalho com os afazeres domésticos são a maioria, o que as levam a trabalharem em período parcial de trabalho – da população total brasileira ocupada em trabalho por tempo parcial, 28,2% são mulheres, enquanto 14,1% são homens.

De acordo com dados retirados do portal do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2018), o último Censo da Educação Superior realizado em 2016 revelou que entre os estudantes matriculados em cursos de graduação, 57,2% são mulheres. Já no campo da docência, 45,5% dos docentes da Educação Superior são mulheres.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), adiciona que, em dados tabulados em 2016, da população total brasileira com 25 anos ou mais, 23,5% das mulheres brancas possuem ensino superior completo – valor maior do que dos homens brancos, que é de 20,7%. Já dentre a população negra e parda, esse número é menor: apenas 10,4% das mulheres e 7,0% dos homens concluíram o ensino superior.

Em relação ao rendimento médio por todos os trabalhos, entre 2012 e 2016, as mulheres receberam 75% do valor recebido pelos homens. E ainda, entre homens e mulheres com ensino superior completo, essa diferença é ainda maior: as mulheres, mesmo sendo maioria, receberam 63,4% do valor total recebido pelos homens (IBGE, 2018).

1.3 A ARQUITETURA E URBANISMO NA HISTÓRIA E SEUS ATORES

A arquitetura pode ser considerada como resultado do ambiente onde está inserido, seja este natural ou ambiente social. Ela pode ser determinada pelo contexto onde se situa, porém possui diversos aspectos que a caracterizam: funcionais, econômicos, sociológicos, bioclimáticos, simbólicos, estéticos e afetivos. E na teoria e história da arquitetura, por muito tempo, os relatos focaram apenas nos aspectos estéticos, na volumetria e na escultura (HOLANDA, 2007, p.116-118).

A gênese da arquitetura se deu na pré-história de diferentes formas, mas principalmente para atender a necessidade básica de proteção dos seres humanos. A evolução dos abrigos resultou do nascimento de aldeias e consequentemente, a arquitetura evoluiu para atender às necessidades dos primeiros povoamentos. Ressalta-se, porém, que as civilizações se desenvolveram de maneira desigual, por possuírem diferentes crenças e prioridades (CHING; ECKLER, 2014, p.14).

Benevolo (1997, p.40) mostra que as primeiras civilizações, na Mesopotâmia e no Egito, a origem da cidade surgiu e ruiu de maneiras diferentes. Essas duas civilizações são consideradas o berço da história e da arquitetura ocidental, por apresentarem organizações urbanas independentes e linguagem escrita (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011, p.14).

Glancey (2001, p.18) relata que primeiro arquiteto do qual se tem conhecimento é Imhotep⁶, arquiteto do rei egípcio Zoser em Sakkara, 2778 a.C. Foi o responsável por criar o primeiro monumento em pedra importante para a história do mundo – uma pirâmide em degraus com cerca de 60m de altura. Ainda, o autor cita outro arquiteto do Egito antigo, Senmut, responsável por criar o templo funerário da rainha Hatsheput em 1520 a.C.

Avançando na história, na arquitetura clássica se destacam os gregos e a sua arquitetura inigualável, que inspira arquitetos até os dias de hoje. Sua arquitetura era misteriosa e o maior símbolo de seu legado é o Parthenon, construído em 436 a.C. (GLANCEY, 2001, p.26-27). Para os gregos, a arquitetura era uma forma de arte baseada na matemática e na proporção, onde buscavam um equilíbrio harmônico entre as partes de um edifício (COLE, 2013, p.96).

Fazio, Moffett e Wodehouse (2011, p.55) expressam que a proporção e a organização

⁶ Imhotep foi um arquiteto, poeta, padre, físico, juiz e primeiro ministro egípcio que viveu durante a dinastia do Faraó Zoser, em aproximadamente 2600 a.C. Imhotep foi o responsável por diversas obras, sendo a mais famosa a pirâmide de Saqqara (MUSSO, 2005).

das obras arquitetônicas refletiram diretamente nas cidades gregas e na organização social. Todo o comportamento da sociedade era guiado por um conjunto de regras democráticas, com templos que ostentavam as conquistas do povo e os lembravam constantemente de seus princípios. A Grécia representou uma época de pensamentos éticos e sociais que quebravam os paradigmas, onde os homens passaram a discutir a ética social, morais e costumes. Homens estes, que são lembrados até hoje: Sócrates, Platão, Aristóteles, entre outros (CHING; ECKLER, 2014, p.20).

Roth (2017, p.9) destaca outro nome importante para a arquitetura, Marcos Vitrúvio⁷. O arquiteto romano utilizou referências gregas e romanas para descrever a arquitetura por volta de 25 a.C. em três elementos básicos: firmeza, beleza e utilidade. Seu tratado perpetuou seu nome na história e teoria arquitetônica e guia arquitetos até os dias de hoje.

Glancey (2001, p.37) diz que após a queda de Roma e as incertezas de guerras na Europa no século V d.C., a Idade Média entra no período conhecido como a Idade das Trevas, mas que para a arquitetura, foi um período de luz. De acordo com Gypmel (2001, p.30), nessa época, os reis reivindicaram sua soberania que anteriormente estava em posse da Igreja, porém ainda possuíam uma forte crença teológica. O resultado foi que com o apoio da população, os burgueses expressaram o símbolo de suas conquistas, crenças e da identidade do povo através da construção das catedrais góticas.

As edificações religiosas são os maiores exemplares da arquitetura gótica e românica devido principalmente ao poder financeiro que as igrejas possuíam e dos técnicos em arquitetura que possuíam. Vale lembrar que o arquiteto na Idade Média era denominado mestre de obras, pois o título de arquiteto só passou a ser utilizado mais tarde. O aprendizado da construção era oferecido para jovens que com a tutela de mestres, estudavam por vários anos na prática arquitetônica até se tornaram também, mestres (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011, p.259).

Mais à frente do percurso histórico, surge o Renascimento, com expressiva arte e literatura em um período de renovação e retomada dos princípios clássicos. Foram nas artes visuais que o Renascimento se destacou e teve seus maiores exemplares, assim, a escultura, arte e arquitetura se somaram e tiveram como protagonistas artistas excepcionais, como

⁷ Marcus Vitruvius Pollio nasceu e viveu em Roma e entre 33 e 14 a.C. escreveu diversos manuscritos da teoria arquitetônica, que sobreviveram ao tempo e servem de inspiração para os arquitetos até os dias de hoje (FELL, 2003).

Donatello⁸, Leonardo da Vinci⁹, Michelangelo¹⁰ e Botticelli¹¹. Os textos de Vitruvius inspirou vários arquitetos da época, como Filippo Brunelleschi¹² e Andrea Palladio¹³ (BURKE, 2008, p.16-20).

Os renascentistas afirmavam o homem como o centro do mundo e o mundo sendo criação divina. Assim, buscavam na natureza de Deus a referência para a sua arte. Ainda, buscando inspiração nos estudos clássicos, artistas e eruditos retomaram a discussão do urbanismo e das proporções (GYMPEL, 2001, p.44).

O próximo período que tem atores cruciais para a história da arquitetura é o Barroco, onde Glancey (2001, p.880) mostra que Borromini¹⁴ e Bernini¹⁵ criaram obras fascinantes e teatrais. O Barroco teve início na década de 1630, com o desejo da Igreja em retomar seus fiéis através de um estilo exageradamente cinematográfico e sensual. O estilo predominou por toda a Europa, indo além de igrejas e conquistando palácios e palacetes (CHING; ECKLER, 2014, p.42).

Inspirado por Borromini, outro arquiteto de destaque surge – Guarino Guarini¹⁶ (1624-1683) com projetos exuberantes, reunindo geometria e curvas em formas complexas. (FAZIO; MOFFETT; WODEHOUSE, 2011, p.375).

Surge então, o Iluminismo, corrente filosófica anticlerical que via na razão dos homens, a luz de suas dúvidas. Um movimento racional e científico que pressupunha a relação social

⁸ Donato Di Niccolò Di Betto Bardi (1386-1466) nasceu na Florença, Itália e tornou-se um dos mais famosos artistas renascentistas através de sua escultura, tendo seu nome reconhecido até a atualidade como Donatello (FRAZÃO, 2019).

⁹ Leonardo da Vinci nasceu em 15 de abril de 1452 em Vinci, na Itália. Foi pintor, matemático, inventor, engenheiro, entre diversas outras funções realizadas pelo artista, que consagrou seu nome na história. (ZÖLLNER, 2000).

¹⁰ Michelangelo Buonarroti nasceu na Florença em 1475, artista, pintor e escritor com obras de caráter monumental. Sua obra mais famosa é a pintura no teto da Capela Sistina, no Vaticano. Faleceu em 1564, próximo de completar 89 anos (CAUNETO, 2016).

¹¹ Sandro Botticelli foi um exímio pintor italiano, nascido em Florença em 1445, que criou obras detalhadas carregadas de simbolismo, sendo a mais famosa delas o quadro nomeado *O nascimento de Vênus*. (MENDONÇA, 2012)

¹² Filippo Brunelleschi (1377- 1466) nasceu na Florença e destacou-se por produzir uma arquitetura racional, clara, organizada, com novas formas e procedimentos técnicos (LANCINI, 2014).

¹³ Andrea Palladio (1508-1580) projetou inúmeros edifícios e ainda escreveu Os Quatro Livros da Arquitetura, um conjunto de manuscritos referência sobre o estilo neoclássico da arquitetura, tornando-se um dos mais importantes arquitetos da história (CELANI, 2007).

¹⁴ Francesco Castello, conhecido como Borromini, nasceu em 1599 em Bissone, na Suíça. Foi considerado um “anarquista” da arquitetura, criando obras diferentes de tudo o que havia sido construído até então e se tornando o maior nome da arquitetura Barroca (BLUNT, 2001).

¹⁵ Gian Lorenzo Bernini nasceu em Nápoles, na Itália, em 1598. Além de um ilustre arquiteto Barroco, Bernini foi pintor, escultor e desenhista. Possui diversas obras na Roma (HIBBARD, 1990).

¹⁶ Camilo Guarino Guarini nasceu em Módena, na Itália em 1624 e foi um grande arquiteto Barroco, que utilizava jogos de luzes, avanços e recuos nas fachadas, além de uma infinidade de ornamentos para conceber obras únicas (BORGES, 2014).

como fenômeno natural. Diversos filósofos expuseram suas ideias iluministas, como John Locke¹⁷, Rousseau¹⁸ e Montesquieu¹⁹, defendendo a participação pública nas decisões políticas. Na arquitetura, destacaram-se Carlos Lodoli²⁰ e Abbé Laugier²¹, representantes de um pensamento utópico que argumentava que o ambiente arquitetônico influenciava o espírito dos homens e que era capaz de motivá-los a agir com razão e moral (GYMPEL, 2001, p.62-63).

Com influência dos ideais iluministas, a França vive a Revolução Francesa em 1789, o governo absolutista caiu dando espaço para a democracia e a burguesia ascenderem. Com a tomada do poder por Napoleão Bonaparte, grandes obras foram feitas por arquitetos que desenvolveram um estilo marcante para o governo napoleônico. Charles Percier e Pierre François Leonard Fontaine²² conceberam obras grandiosas a pedido do imperador, em um estilo que relembra o clássico em escalas monumentais. Porém, ao mesmo tempo, na Inglaterra, tinha-se início a Revolução Industrial, que significaria muito mais para a arquitetura do que os vultosos edifícios de Napoleão (GLANCEY, 2001, p.126-127). Vale ressaltar que Napoleão remodelou o centro de Paris, trazendo à tona a discussão urbanística. O modelo de replanejamento da cidade tornou-se um modelo para o mundo todo (CHING; ECKLER, 2014, p.47).

Hobsbawm (2006, p.15-21) relata que a Revolução Francesa foi um período de significativas transformações políticas que desejavam se libertar da dominação religiosa, da hierarquia de poder baseada no parentesco e da ignorância da Idade Média. Ainda, o autor relata que simultaneamente na Grã-Bretanha acontecia a Revolução Industrial, que considera o mais importante acontecimento da história, sob qualquer perspectiva.

¹⁷ John Locke nasceu em 1632, na Inglaterra. Foi um filósofo que se destacou no campo da política, epistemologia, educação e medicina, também conhecido como o criador do empirismo moderno (VÁRNAGY, 2006).

¹⁸ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) originário da Suíça, foi o precursor do socialismo ao questionar a propriedade privada e defendia que o homem era bom por natureza, sendo corrompido pelo seu entorno (GYMPEL, 2001, p.63).

¹⁹ Montesquieu (1689-1755) foi um escritor francês e pregava a tripartição do poder em executivo, judiciário e legislativo (GYMPEL, 2001, p.62).

²⁰ Carlos Lodoli (1690-1761) nasceu em Veneza e dedicou sua vida aos estudos da filosofia, matemática e principalmente arquitetura. Defendia a arquitetura racional, que se adequava aos materiais e funções (UNGUREANU, 2011, p.3).

²¹ Marc Antoine Laugier (1713-1769) foi um sacerdote jesuíta nascido na França, que se dedicou a escrever sobre a arquitetura, tornando-se um dos maiores pensadores sobre o assunto do século XVIII. (RAMOS; TOURINHO, 2015, p.172).

²²De acordo com Elaine (2008), Pierre Fontaine (1762-1853) e Charles Percier (1764-1838) foram dois arquitetos responsáveis por criarem uma nova estética napoleônica a partir de referências antigas. Trabalharam na arquitetura efêmera, na composição de cenografias e criaram obras atemporais, como o Arco do Triunfo em Paris.

Toda a Europa estava passando por transformações sociais e econômicas e a Inglaterra foi o centro dessas mudanças. O surgimento de grandes fábricas com a produção mecanizada, a criação de motores à vapor, a utilização do carvão para gerar energia, a revolução comercial e agrícola fez da Inglaterra o ponto culminante de uma revolução que transformaria todo o mundo (OLIVEIRA, 2004, p.85)

Glancey (2001, p.137-138) relata que mecanização da arquitetura e a consequente extinção do artesanato fez com que a maioria dos arquitetos reagiu negativamente às mudanças que a Revolução Industrial introduzia. Porém, grandes feitos da engenharia foram atingidos nesse período, com incríveis pontes de ferro e edifícios com estruturas de ferros gigantes. Alguns nomes destacados pelo autor são: Isambard Kingdom Brunel²³, Jesse Hartley²⁴, Godfrey Thomas Greene²⁵, Gustave Eiffel²⁶, Victor Contamin²⁷, Charles Dutert²⁸, Pierre-François-Henri Labrouste²⁹, entre outros.

Por outro lado, embora trouxesse inovações como nunca antes vistas, a Revolução Industrial sustentou um modo de vida entre as classes sociais com relações desiguais de poder. A classe operária possuía um estilo de vida insalubre, onde as economias fabris ofertavam empregos repetitivos e duradouros, que não demandavam um alto grau de escolaridade, o que reduziu o desempenho escolar dos trabalhadores (BEYNON, 1995).

As alterações do período industrial criaram uma nova arquitetura científica e tecnológica

²³ Isambard Kingdom Brunel (1806 – 1859), nasceu no reino unido e foi considerado um dos mais versáteis e audaciosos engenheiros do século 19, responsável pelo design de túneis, pontes, linhas férreas e navios (PUGSLEY, 2010).

²⁴ Jesse Hartley (1789 -1860) foi um engenheiro civil responsável pela construção de diversas docas e armazéns em Liverpool, utilizando um método inovador no qual o descarregamento de cargas não dependia da maré (CARLSON, 2012).

²⁵ Godfrey Thomas Greene foi o arquiteto responsável pelo design da Boat Store em 1858 que dispensava o uso de alvenaria, sendo construído apenas em ferro, método não utilizado até então. Teve uma carreira brilhante e morreu aos 79 anos em Eastbourn, Inglaterra (THORNE, 2000).

²⁶ Gustave Eiffel (1832 – 1923) foi o engenheiro responsável pela construção da Torre Eiffel e por suas contribuições na construção da Estátua da Liberdade em Nova York. Além disso, desenvolveu diversas pesquisas sobre meteorologia (BONET, 2003).

²⁷ Victor Contamin (1840 – 1893) foi um engenheiro estrutural francês, com expertise na resistência dos materiais ferro e aço. Também foi um dos pioneiros na utilização do concreto armado na construção da igreja Saint Jean Montmartre, Paris (STAMPER; MARK, 1992).

²⁸ Charles Dutert nasceu em 1845 na França e foi o arquiteto responsável pelo design da Galeria das Máquinas, que foi notavelmente construída para cobrir vãos de até 72 metros, em colaboração com o engenheiro Victor Contamin (STAMPER, MARK, 1992).

²⁹ Pierre-François-Henri Labrouste (1801 – 1875) é considerado um dos mais importantes arquitetos franceses do século 19. É considerado o fundador da corrente racionalista onde misturou elementos classicistas para criar sua própria arquitetura (MAYTHAM, 1968).

no século XIX, que acabou por se diferenciar da arquitetura como arte. A exploração de novos materiais com a combinação de elementos de períodos anteriores embasou o que viria a ser a arquitetura Eclética, onde as referências históricas dialogavam com a ciência e o progresso (PEDONE, 2003, p.130).

Como nenhuma arquitetura era dominante, a arquitetura passa a aceitar todos os estilos, o que acaba por tornar os elementos arquitetônicos que antes eram carregados de significados em mera ornamentação – apesar do discurso eclético defender o conhecimento das expressões arquitetônicas anteriores (FABRIS, 1995, p.74).

Prosseguindo no percurso histórico da arquitetura, Glancey (2001, p.171) relata que com a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, os líderes dos regimes totalitários utilizavam da arquitetura como uma forma de propaganda e a arquitetura seguia os poderes políticos que regiam a Europa. Após a Segunda Guerra, surge um novo estilo, o Modernismo, que acaba por ofuscar qualquer outro movimento que estivesse sendo feito simultaneamente.

A arquitetura moderna veio para criticar o passado, manifestando seu propósito de desenvolver uma nova linguagem que atendesse às necessidades de um mundo pós-guerra. Assim, surgiu então grandes construções habitacionais, nas quais a arquitetura deveria ser econômica, racional e funcional. Ainda, o crescimento das cidades relevou a necessidade de uma reorganização, dando a oportunidade aos modernistas de inovarem no planejamento urbano (MALARD, 2004, p.5).

Benevolo (2001, p.403) revela que o desenvolvimento do movimento moderno se deu em diferentes lugares, com ações individuais que apesar de independentes, colaboraram para criar o cenário do Modernismo. O autor elenca algumas contribuições: as obras de Le Corbusier³⁰, o arquiteto Walter Gropius³¹ e seus colaboradores da Bauhaus, os construtivistas russos, o percurso de Mies Van der Rohe³², entre outros.

Gympel (2001, p.89) descreve a Bauhaus como uma novidade nas escolas artísticas alemãs, fundada em 1919 por Weimar que posteriormente foi substituído por Walter Gropius. A escola defendia a expressão máxima da arquitetura através da objetividade nos projetos

³⁰ Le Corbusier (1887- 1965) é conhecido como um dos mais importantes arquitetos do século XX, suas obras foram fundamentais para a formação do modernismo brasileiro. Era também escultor, pintor e urbanista (FRAMPTON, 2001).

³¹ Walter Gropius nasceu em 1883, na Alemanha. É um dos principais nomes da arquitetura do século XX, sendo considerado o pai da escola Bauhaus, marco no design e na arquitetura, a qual foi fundador (PEARLMAN, 2007).

³² Mies Van der Rohe nasceu na Alemanha conhecido pela utilização de conceitos vanguardistas de ortogonalidade, abstração e linhas puras. Ajudou a fundar a Bauhaus juntamente à Walter Gropius (SCHULZE; WINDHORST, 2012).

arquitetônicos, por meio da simplicidade das formas, pureza dos materiais e ausência ornamental.

Le Corbusier, de acordo com Glancey (2001, p.182), foi o arquiteto mais poético e inventivo que já viveu. O arquiteto suíço atuou na área arquitetônica, urbanística e artística sempre com pensamentos radicais e polêmicos. Criou seu próprio sistema de proporções – o Modulor – e defendia o uso da residência como “máquina de morar” – uma casa tão funcional quanto uma máquina. Gympel (2001, p.90) relata que Le Corbusier ainda desenvolveu vários projetos urbanísticos e manifestos pela arquitetura funcional.

Le Corbusier também influenciou a arquitetura moderna, sendo consultor técnico para a construção do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro em 1936, com o projeto de Lúcio Costa. Ainda, outros nomes da arquitetura moderna se destacaram no Brasil: Oscar Niemeyer, o maior expoente modernista brasileiro; Afonso Eduardo Reidy, autor do museu de arte moderna do Rio de Janeiro; Vilanova Artigas, apesar de pertencer à escola paulista e defender uma arquitetura carregada de ideologias (ZUFFO, 2009, p.40-56).

Em uma crítica a arquitetura funcional modernista, surge o pós-modernismo, onde Colin (2002) afirma que ressurge o desejo de recuperar a arquitetura como portadora de significados e romper com os preceitos individualistas, racionais e internacionais do modernismo. Glancey (2001, p.199) cita Robert Venturi³³ e seu livro *Complexidade e Contradição na Arquitetura*, e ainda o livro *Aprendendo com Las Vegas*, escrito juntamente com sua mulher Denise Scott Brown³⁴. Ambos os livros foram marcos para o pós-modernismo, tornando-se referência.

Gympel (2001, p. 108) descreve que um movimento elevou ao máximo a abstração do movimento moderno: o desconstrutivismo, através de formas extravagantes, caóticas e inusitadas, elevando a arquitetura como arte. Os principais arquitetos desconstrutivistas são Peter Eisenman³⁵, que deu início ao movimento ao romper com a geometria tradicional moderna; Frank Gehry³⁶ e seus edifícios espetaculares e chocantes; Daniel Libeskind³⁷ e sua

³³ Robert Venturi foi considerado pai da arquitetura pós-moderna. Em diversos projetos desenvolvidos com sua esposa Denise Scott Brown, mudaram a paisagem urbana dos EUA. Venturi faleceu em 2018 aos 93 anos (MONTANER, 2014).

³⁴ Nota-se aqui, a primeira mulher relacionada à profissão da arquitetura no livro *História da Arquitetura*, de Jonathan Glancey (2001).

³⁵ Peter Eisenman é um arquiteto americano conhecido também pela sua escrita e fala sobre arquitetura, além de ser considerado um dos principais representantes do desconstrutivismo atualmente (PATIN, 1993).

³⁶ Frank Gehry é um arquiteto canadense nascido em 1929, conhecido por suas formas ousadas e uso de materiais inusitados. A obra mais famosa que o arquiteto concebeu foi o Museu Guggenheim Bilbao, que através de sua estética complexa, representa a obra de Gehry perfeitamente (BARATTO, 2017)

³⁷ Daniel Libeskind é um dos arquitetos mais premiados na atualidade. Com estilo fortemente desconstrutivista, carrega consigo um estilo único além da marcante história da sua família que sobreviveu ao holocausto (ZELIZER, 2000).

arquitetura desenvolvida para envolver emocionalmente os seus usuários e Zaha Hadid, arquiteta iraquiana que desenvolveu uma estética única, sinuosa e interativa (GLANCEY, 2001, p.223).

Zaha Hadid (1950-2016) foi a primeira mulher a ganhar o Prêmio Pritzker – a premiação mais prestigiada do mundo da arquitetura – em 2004. A arquiteta iraquiana projetou formas revolucionárias em obras desconstrutivistas e mesmo após seu falecimento em 2016, seu escritório permanece como um dos mais renomados do mundo. Zaha sempre lutou pela valorização do trabalho das mulheres e é um dos poucos nomes femininos que marcaram a história (DUQUE, 2017).

Benjamin (1987, p.225) relata que investigadores historicistas sempre mantiveram a relação de empatia com o “vencedor” da história, o que acabou por beneficiar os dominantes em detrimento de classes oprimidas. Saffioti (1987, p.11) explica que há a classe dominante e a classe subalterna na história quando relacionada a classes sociais. Do ponto de vista de gênero, a história privilegiou o homem e pouco foi registrado do percurso feminino até os dias de hoje e apenas em resgates resultantes de movimentos sociais, é que se encontra menções aos feitos dessas mulheres ocultas por tanto tempo.

De acordo com Sperling (2008, p.30), o pensamento tradicional que guiou a cultura ocidental através da história, foi construído através da hierarquização da linguagem em oposições binárias, como positivo-negativo, puro-impuro, homem-mulher. Esse conceito só passou a ser revisto e desconstruído na contemporaneidade.

Para Matos (2011), para tratar sobre temas que envolvem grupos sociais, é essencial que seja considerado as dimensões e perspectivas desses grupos e a sua experiência com a estrutura institucional – oportunidades, discriminações e liberdades. Para a autora, para a sociedade contemporânea continuar em projeto de crescimento, deve-se debater essas questões e considerar a configuração e dinâmica dos grupos sociais minoritários.

1.4 A MULHER NA HISTÓRIA DA ARQUITETURA E DO URBANISMO

Hobsbawm (2013, p.80) revela que muitos historiadores – inclusive ele – não se deram conta do vazio histórico no que se referia às mulheres e que o assunto só passou a ganhar notoriedade após 1970 com revoluções sociais. Perrot (1995, p.14) explica que um dos motivos da ausência das mulheres na história se explica pelo fato da história ser contada a partir de relatos de acontecimentos políticos, os quais as mulheres tiveram pouca ou nenhuma

participação, por estarem reclusas no âmbito privado.

Segundo Beauvoir (1970, p.73), a fraqueza da mulher comparada à força do homem na pré-história justifica a dominação masculina. Nesse âmbito, a biologia ainda definia a autoridade masculina. O determinismo biológico definiu que papéis sociais estavam impostos às mulheres em razão de seu sexo, ou seja, era da natureza feminina estar reclusa, ser íntima e recada (FONTES, 2016, p.105), e de acordo com Rago (2004, p.603) esse pensamento perdurou e até o início do século XX, onde ainda acreditava-se que a vida pública era incompatível com a biologia feminina.

Fontes (2016, p.97) relata que a tradição arquitetônica, por muito tempo se baseou em tratados como o Vitruvio – que associava a questão da proporção com o corpo humano com o ambiente, ressaltando que a proporção perfeita era a do homem. Agrest (1965, p.585) explica que o antropomorfismo foi a base da arquitetura vitruviana e que perdurou até o movimento moderno. Porém, ao priorizar o corpo masculino, o discurso de Vitruvius acabou por ocultar a relação feminina com a arquitetura no contexto social e no panorama artístico.

Apesar disso, é possível encontrar registros na história que mostram a participação feminina na arquitetura de variadas formas. Segundo Walker (2000, p.90) ainda que as mulheres só tenham tido acesso à educação arquitetônica no final do século XIX, algumas participaram da construção arquitetônica e do urbanismo através do poder político.

De acordo com Robins (1999, p.112), uma das primeiras mulheres influentes da história foi a faraó Hatsheput, que governou ao lado do marido Thutmose II na oitava dinastia egípcia, depois da morte de seu marido, Hatsheput adotou nomes de seus ancestrais masculinos e ficou conhecido como o rei feminino, enquanto governava ao lado do rei regente Thutmose III. Hatsheput foi responsável por criar um programa de construção monumental, que incluía santuários, templos e estradas. Seu maior projeto foi seu próprio templo mortuário construído pelo arquiteto Senenmut³⁸ (WALKER, 2000, p.90).

Outra mulher influente na arquitetura e no urbanismo foi a russa Hadice Turhan Sultan, uma mulher que entrou no palácio russo como concubina do sultão Ibrahim I e juntos, tiveram o filho Mehmed IV. Em 1648, Ibrahim faleceu e Hadice tornou-se a rainha-mãe, pois seu filho possuía apenas seis anos de idade. Desse modo, Turhan governou o império otomano até a sua morte em 1683. Nesse período, ela tornou-se patrona da arquitetura através de ambiciosos

³⁸ Glancey (2001, p.21) cita o arquiteto como Senmut.

projetos de larga escala na Constantinopla e províncias ao redor, que incluíam fortes, tumbas, escolas primárias, pavilhões reais, complexos de mercados (THYS-SENOCAK, 2017, p.1).

Walker (2000, p.91) relata que a atuação direta das mulheres na concepção de projetos arquitetônicos na história é relativamente pequena. Retomando a discussão iniciada no texto anterior “1. Aproximações teóricas nos fundamentos arquitetônicos”, inicialmente as mulheres encontraram seu caminho na arquitetura através do campo teórico. Mas, como mostra Lima (1999, p.15) algumas iniciativas buscavam mostrar as obras arquitetônicas feitas por mulheres, como a exposição “Mulheres na Arquitetura: uma perspectiva histórica e contemporânea” realizada nos Estados Unidos para mostrar a produção arquitetônica feminina na extensão de todo o país. Porém, o evento em geral não obteve tanto interesse por parte de profissionais da época.

Wadsworth (1990) narra a história de Julia Morgan em seu livro *Julia Morgan, Architect of Dreams*, a primeira arquiteta licenciada da história, pela Escola de Belas Artes de Paris, em 1898. A escola passou a admitir estudantes mulheres apenas em 1897, mais de 200 anos depois de ser fundada. Depois de formada, Julia voltou para seu país de origem, os Estados Unidos e abriu seu escritório na Califórnia. Apesar do ceticismo da maior parte da sociedade, Julia concebeu diversos projetos de grande porte, como igrejas, casas de clube, hospitais, orfanatos, entre outros.

Walker (2000, p.91) menciona também Sophia Hayden, que recebeu o título de arquiteta pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts em 1980, mas não pode atuar na área devido a dificuldade de encontrar trabalho na área. Em 1981, Hayden participou de uma competição para construir o *Woman's Building* na Exposição Universal de Chicago, um projeto que visava incluir as mulheres na área arquitetônica. Porém, ao participar dos desafios do concurso, Sophia percebeu que recebia um décimo do valor que era pago aos homens pela mesma participação no desenvolvimento do projeto do *Woman's Building* e que todas as suas propostas eram modificadas ou ignoradas. Depois do concurso, Hayden abandonou a profissão como arquiteta.

O acesso tardio das mulheres às escolas de arquitetura foi um dos principais motivos pelos quais as mulheres foram invisibilizadas da profissão da arquitetura. Também, mesmo quando estavam inseridas no meio acadêmico, geralmente eram coagidas a trabalharem em áreas “específicas” para as mulheres (FONTES, 2016, p.57)

No caso do modernismo, como aponta Heynen (2005, p.103) o cenário ainda mantinha o discurso de que a mulher era associada ao lar e as capacidades de cuidar e nutrir, enquanto o

homem era possuidor da razão e da administração. Esse cenário também é defendido por Antunes (2012, p.65), ao expressar que a arquitetura moderna, apesar de ter transformado profundamente a sua época e criticar aspectos históricos da sociedade, não demonstrou interesse em questionar o patriarcado.

De acordo com Araújo e Lima (2018, p.17), as poucas mulheres que atuavam na área da arquitetura no período modernista que receberam algum reconhecimento foram as que trabalharam com arquitetos famosos, e ainda, eram responsáveis pelo desenvolvimento do mobiliário, arquitetura de interiores e decorações. Algumas delas são: Charlotte Perriand e sua colaboração com Le Corbusier, Lilly Reich associada à Mies Van der Rohe e Eileen Gray, que trabalhou com alguns arquitetos de vanguarda em 1920.

Vale mencionar aqui, a história de Eileen Gray e Le Corbusier, de acordo com Teixeira (2018, p.27), Eileen foi uma admiradora assídua das obras de Le Corbusier, demonstrando seu interesse pelo modernismo e pelo discurso de Le Corbusier, ao projetar a sua própria casa de férias – e de seu marido Jean Badovici – seguindo os princípios modernistas. A residência, conhecida como E1027, utilizou os cinco pontos da arquitetura propostos por Le Corbusier, porém com alguns ideais que questionavam aspectos modernistas. Ainda assim, em 1934, Gray se mudou e Le Corbusier, sem autorização, residiu na casa e pintou diversos murais em suas paredes brancas.

De acordo com as autoras, diversas vezes Eileen foi questionada sobre a autoria do projeto, pois acreditavam que o projeto original era de seu marido ou de Le Corbusier. Porém, o arquiteto nada fez para desmentir a situação e ainda desconfigurou e manipulou a residência. Apenas em uma carta à Eileen, reconhece a autoria do projeto à arquiteta. Em 1956, Badovici falece sem deixar um testamento e Eileen perde o direito à residência, que foi restaurada e ainda é mantida como uma memória aos murais de Le Corbusier (TEIXEIRA, 2018, p.27) Antunes (2012, p.89) relata que o uso de murais sempre foi considerado um ato de vandalismo por Le Corbusier e que o arquiteto, em sua obsessão pela casa, pintou os murais como um presente ofensivo e não os via como uma invasão a arquitetura criada por Eileen.

Farinasso e Freire (2018, p.101) destacam que desde a Segunda Guerra Mundial, os direitos humanos começaram a receber mais atenção por parte dos governos, sendo a primeira novidade do pós-modernidade em detrimento com o modernismo. Conforme Montaner e Muxí (2014, p.17), os direitos reivindicados pela sociedade nesse período buscavam o reconhecimento e garantia de direitos que envolviam a moradia, justiça, trabalho e salubridade para grupos sociais que antes eram invisíveis – como é o caso das mulheres.

Denise Scott Brown diz que a arquitetura sempre exaltou a figura do “gênio” artístico, um símbolo da inspiração e criatividade a ser seguido. Ainda, ressalta que apesar das promessas da pós-modernidade, a arquitetura apenas substituiu a visão do arquiteto revolucionário pelo arquiteto tendência (BROWN, 2000, p.261-263). Fontes (2016, p.135) explica que ao se valorizar apenas o criador e o seu projeto, oculta-se os outros processos que compõem a criação de uma obra, como estrutural, paisagístico, entre outros.

Boa parte das arquitetas que se associaram ou se casaram com arquitetos acabaram sendo ocultas por estes, muitas vezes, sendo consideradas apenas assistentes. O fato de realizarem parcerias para se manterem no mercado trabalho reduzia as suas chances de serem protagonistas no cenário arquitetônico (GÁTI, 2018, p.23).

1.4.1 A mulher arquiteta brasileira

O percurso feminino no Brasil no campo arquitetônico foi diferente do percurso feminino da Europa e dos Estados Unidos. Enquanto as mulheres adentravam a arquitetura através da teoria arquitetural sobre residências e domesticidade fora do Brasil, dentro dele, a escravidão ainda era vigente (FONTES, 2016, p.77).

Lima (1999, p.55) afirma que no século XIX, apesar das brasileiras não discutirem o âmbito doméstico, a imprensa feminina discutia as desigualdades políticas e sociais no país e algumas mulheres se dedicaram a atividades práticas relacionadas à arquitetura.

A carreira arquitetônica entre as décadas de 1970 e 1980 foram o alvo da escolha feminina por três principais motivos: o primeiro, pelo recém adquirido papel social da mulher inserida no mercado de trabalho; o segundo, porque houve um abandono do campo pelos homens devido à instabilidade no mercado de trabalho e o terceiro, pelo campo arquitetônico ser visto como mais próximo a decoração do que a engenharia (SÁ, 2010, p.44).

Uma das primeiras mulheres a atuarem na área da arquitetura e do urbanismo foi Carmem Velasco Portinho (1903-2001), a terceira engenheira formada no país e a primeira urbanista brasileira. Se comprometeu à luta feminista no Brasil e teve uma trajetória múltipla (MONTANER E MUXÍ, 2014, P.59).

Carmem lutou pelo sufrágio feminino, ajudou a fundar a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas (ABEA) sendo a primeira presidente, ministrou aulas, fez parte da diretoria de Obras e Viação do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e ainda foi a engenheira de diversos projetos desenvolvidos com o seu marido, Affonso Eduardo Reidy. Mais tarde,

Portinho assumiu a construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM RJ), projetado por seu marido e fez parte do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CDNM) (ABREU, 2001).

Portinho foi colega de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Jorge Moreira, além de ter se encontrado com Le Corbusier em sua passagem pela Europa, o que influenciou sua maneira de pensar edifícios habitacionais. Carmem teve uma trajetória intensa, marcante e significativa para a história da arquitetura e urbanismo brasileiro (LIMA, 1999, p.56).

A arquiteta mais citada e reconhecida no âmbito brasileiro foi Lina Bo Bardi, arquiteta italiana que teve atuação expressiva no Brasil. Sempre se definiu como uma arquiteta moderna e apesar da formação italiana, consagrou o Brasil como sua residência após sua vinda – e de seu marido Pietro Maria Bardi, em 1946 (RUBINO, 2002, p.1-2). Lima (1999, p.56) relata que Lina atuou em São Paulo e Salvador, fundou e dirigiu a revista Habitat, concebeu obras marcantes como o Museu de Arte Moderna de São Paulo (MASP) e sua residência a Casa de Vidro, projetou móveis, trabalhou com cenografia e cinema e ainda participou e organizou diversos eventos importantes para a época.

Outro nome feminino importante da arquitetura brasileira é Carla Juaçaba, formada em arquitetura no Rio de Janeiro e arquiteta premiada pela ArcVision – Mulheres da Arquitetura. Carla possui uma série de projetos de destaque internacional, que envolvem o desenvolvimento sustentável, incluindo o Pavilhão da Humanidade projetado para o evento Rio+20. Ainda, desenvolveu estudos arquitetônicos relacionados à paisagem natural e à arte nativa brasileira (DELAQUA, 2014).

Lima (1999, p.59) ainda destaca a arquiteta Mayumi Watanabe de Souza Lima, nascida no Japão e naturalizada brasileira. Mayumi se destacou no âmbito teórico no que diz respeito à espaços arquitetônicos voltados à educação, mais especificamente para crianças. Publicou três livros sobre o assunto, sendo uma das poucas arquitetas latino-americanas a possuírem um livro inteiramente dedicado ao seu trabalho.

Antunes (2012, p.134) relata que atualmente, é perturbadora a ausência da discussão sobre a presença feminina na arquitetura, seja no meio profissional ou acadêmico e que poucas escolas lecionam sobre o assunto. Rago (2014), diz que “[...] é importante que possamos estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com as do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e nos fortalecemos para enfrentar os inúmeros problemas do presente” (RAGO, 2014, p.605).

Isso demonstra uma grande preocupação em continuar a reflexão sobre a discussão de

gênero no campo arquitetônico. Com os exemplos citados, é possível notar que aos poucos as mulheres estão recebendo a devida notoriedade pelo seu trabalho e isso apenas teve início devido à debates feministas e à luta de muitas mulheres – muitas mais do que é possível citar em apenas um estudo – que geraram uma grande repercussão na contemporaneidade.

1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

O presente capítulo exibiu um breve relato de como a mulher se inseriu no mercado de trabalho, suas dificuldades e conquistas ao longo da história. Também, foi apresentado um rápido contexto da arquitetura e do urbanismo focando em seus atores mais conhecidos, mostrando que em sua grande maioria, pertencem ao gênero masculino. E assim, foi realizada uma breve busca na história apresentando alguns nomes femininos da arquitetura e do urbanismo no mundo e mais tarde, no Brasil, realçando os motivos pelos quais essas mulheres foram invisibilizadas em sua área profissional.

A partir do estudo teórico realizado até então, o próximo capítulo versará sobre quais parâmetros de abordagens foram utilizados por alguns autores em pesquisas semelhantes, no intuito de auxiliar na delimitação de critérios utilizados no estudo atual.

2. ABORDAGENS DE ANÁLISE

A literatura primária é constituída por publicações, relatórios de pesquisas, artigos, dissertações, teses, entre outros (PINHEIRO, 2006, p.3). Sendo assim, optou-se nesse estudo, por consultar publicações brasileiras relacionadas ao tema, para realizar um levantamento do número de publicações que destacam a produção arquitetônica e urbanística feminina, no período de 2001 a 2019.

De acordo com Segawa, Crema e Gava (2003, p.124), para avaliar o mérito de uma publicação, essa deve possuir qualidade de conteúdo, que abrange diversos aspectos: originalidade, importância, validade científica, atualidade, deve abordar aspectos sociais, éticos e filosóficos e contribuir para posteriores análises e interpretações. A avaliação de mérito deve se manter atenta à atualidade, visto que algumas publicações não possuem mais a relevância para sua respectiva área e possuem dados ultrapassados e inadequados para o presente (KRZYŻANOWSKY e FERREIRA; 1998, p.166).

Dessa maneira, as publicações foram selecionadas de maneira a não serem anteriores à data delimitada por essa pesquisa – o século XXI, e foram selecionadas de acordo com a sua relevância e identificação com o tema central. A apresentação das publicações escolhidas encontra-se conforme o ano de publicação, da mais antiga à mais recente.

2.1 A ANÁLISE DE REVISTAS SEGUNDO SEGAWA; CREMA E GAVA (2003):

Hugo Segawa, Adriana Crema e Maristela Gava, são autores do trabalho “Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas”, onde analisam maneiras de classificação de periódicos como científicos ou técnicos e a dificuldade de enquadrar as publicações de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design (AUPD) em normas específicas (SEGAWA, CREMA E GAVA, 2003).

Os periódicos ao longo da história retrataram os interesses da arquitetura, seja no campo acadêmico ou no exercício da profissão, discutindo ações projetuais, ideias, posições, questões teóricas e críticas, colaborando para a criação da identidade na arquitetura (AMORA, 2009).

Na pesquisa, Segawa; Crema e Gava (2003, p.120-123) relatam que no século XX, a publicação de periódicos impressos foram os responsáveis por divulgar e definir a arte, arquitetura e urbanismo como se conhece atualmente. Porém, os autores reconhecem que as publicações da área de AUPD não compartilham um rigor científico normatizado, por

possuírem diferentes enfoques, interesses e objetos de estudos. A diversificação das publicações acontece principalmente por três principais motivos: o primeiro, pelo enfoque documental e promocional de projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo, ignorando a crítica e discussão política, tornando as revistas conhecidas como “revista de tendência”. O segundo, porque as revistas são redigidas e editadas por jornalistas que desconhecem o estudo da arquitetura, limitando as publicações a simples relatos e descrições técnicas. O terceiro motivo, pelo amadorismo de publicações acadêmicas inexperientes em produção, edição e circulação de periódicos.

No Brasil, entre 1930 e 1970, a área da imprensa arquitetônica era principalmente relacionada às publicações de tendência de revistas como a Habitat (1950-1965), Módulo (1955-1965) e Acrópole (1938-1971). Após 1970, as revistas Projeto, que teve início em 1979 e AU, desde 1985, marcaram o ressurgimento de publicações impressas regularmente no Brasil e não retomaram o discurso descritivo das revistas de tendência (SEGAWA, CREMA E GAVA, 2003, p.122).

Para os autores, uma revista deve sempre publicar artigos originais e objetivos, com autores de diferentes instituições e lugares e, não focar na publicidade e interesse econômico e comercial das publicações. Os trabalhos devem ser atuais, contribuindo com a produção científica do país e abordando aspectos sociais, filosóficos e éticos relacionados à arquitetura, urbanismo, paisagismo e design (SEGAWA, CREMA E GAVA, 2003, p.124).

2.2 A ANÁLISE DE REVISTAS SEGUNDO SÁ (2010):

Flávia Carvalho de Sá, em sua dissertação de mestrado denominada "Profissão Arquiteta: Formação Profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero", discorre sobre a inserção feminina no mercado de trabalho arquitetônico e analisa a participação das mesmas no campo editorial Brasileiro, no período que compreende a década de 1990. O recorte temporal de 1991 a 2001 se deu pela estabilização do ingresso feminino nas escolas arquitetônicas e o crescimento das mesmas no mercado de trabalho (SÁ, 2010).

O campo da arquitetura se mostrou aberto às mulheres somente após a segunda metade do século XX, com transformações econômicas e sociais em prol da mulher. Apesar da presença feminina ter se mostrado maior, quando recebem notoriedade, a produção feminina se mostra na maioria das vezes como uma exaltação e ênfase de seu gênero e não de sua

produção. Assim, é fundamental focar nas contribuições e mudanças feitas por mulheres para a arquitetura (ANTUNES, 2012, p.64).

A busca de Sá é focada em publicação de projetos de edificação concebidas em duas revistas, a AU – Arquitetura e Urbanismo e Projeto Design. A produção de projetos paisagísticos, de design, interiores, reformas e concursos nacionais não foi levada em consideração. A autora através de base teórica cria uma base empírica, para em seguida pesquisar publicações sobre arquitetura em revistas especializadas e então, entrevistar cinco arquitetas atuantes do ramo. O levantamento de publicações periódicas é realizado através de planilhas que elencam a edição, data de publicação, página do projeto, tipo de projeto, local, autores, coautores ou empresa e observações (SÁ, 2010, p.8).

2.3 A ANÁLISE EDITORIAL BRASILEIRA DE ACORDO COM DEDECCA (2012):

Paula Gorenstein Dedecca é doutora em arquitetura e urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). Sua tese de mestrado intitulada “Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)” discute a publicação editorial de revistas de arquitetura e urbanismo e a sua relação com a pluralidade de atuações no campo arquitetônico (DEDECCA, 2012).

Na década de 1960, havia trinta revistas de arquitetura em circulação no Brasil, sendo a maioria delas concentradas no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, com interesses variados e representando as diversas áreas dentro da profissão. Porém, nessa mesma época, o crescimento do número de profissionais ampliou, mudando os interesses e maneiras de atuação de um arquiteto de maneira que as revistas não conseguiram acompanhar, perdendo a força do movimento editorial arquitetônico no país. Outro motivo pelo qual as revistas pararam de circular, foi por obstáculos financeiros que as obrigavam a recorrer à publicidade e anúncios comerciais, perdendo o seu conteúdo crítico (DEDECCA, 2012, p.79-80)

Porém o desaparecimento de revistas em circulação não é exclusivo do campo arquitetônico, como aponta Stumpf (1998, p.4). Isso também ocorreu em outras áreas, como a medicina e psicologia. Mas em todos os casos, os motivos se apresentam os mesmos: falta de infraestrutura, a perda dos artigos renomados para revistas internacionais, corpo editorial amador, recursos escassos, falta de padronização e baixa qualidade gráfica.

As revistas tinham dificuldade em construir um corpo crítico em suas redações, geralmente constituído por voluntários não remunerados, pois era um trabalho desvalorizado e

visto como um passatempo para arquitetos. Assim, os periódicos não seguiam um padrão coeso de publicações direcionadas a assuntos específicos e uma diretriz teórica consistente. Ainda assim, Dedecca (2012, p.81) elenca em gráficos a quantificação da origem das publicações em nove revistas analisadas, como estaduais, mistas, internacionais ou não identificadas. Em construção textual, é realizada a análise as revistas separadamente para compreender como se comportava o meio profissional arquitetônico no recorte temporal analisado, em questões de projeto e produção crítica.

2.4 A ANÁLISE DE REVISTAS DE ACORDO COM FONTES (2016):

Em sua tese de mestrado “Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista”, a autora Marina Lima de Fontes analisa a produção feminina na arquitetura impressa no Brasil focando em três revistas: Acrópole (1938-1971), Habitat (1950-1965) e Módulo (1955-1964/1975-1989).

Em uma pesquisa quantitativa – através do número de publicações feitas por mulheres – e qualitativa – para compreender os assuntos por elas abordados, a autora elenca quantas edições tiveram mulheres enquanto diretora, fundadora ou editora, quantas redatoras e colaboradoras participaram das publicações escolhidas, quantos dos projetos publicados (residências, interiores, paisagismo e outros) foram criados por mulheres e quantos dos artigos publicados e fotografias utilizadas nas revistas são de autoria feminina (FONTES, 2016, p.162).

Outro aspecto analisado pela autora é sobre o assunto abordado pelas publicações femininas, dividido em arquitetura, artistas plásticos, sobre cidades, entrevistas, literatura, design de mobiliário e artes em geral (FONTES, 2016, p.190). Essa análise é feita para entender como a posição feminina na arquitetura se deu na época das publicações. Como aponta Lima (1999, p.17), historicamente as arquitetas atuavam em outras áreas além da projetual, por encontrarem dificuldade em seguirem carreira na mesma, deslocando-se para áreas como jornalismo, docência, entre outros.

Considerando o recorte temporal utilizado, os resultados encontrados pela autora mostram que a participação feminina na parte editorial e nos projetos é mínima. Apenas na revista Módulo, que tem continuação após o ano de 1970 quando o movimento feminista ganhou força, que esses números aumentaram significativamente. Ficou claro também que esse número aumentou quando a chefia da revista passou a ser de responsabilidade de

mulheres (FONTES, 2016, p.193).

2.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

O capítulo buscou apresentar algumas publicações que foram fundamentais para nortear a continuação da atual pesquisa, tanto para entender como selecionar periódicos que possuam qualidade, tenham relevância para a área da arquitetura e sejam atuais, assim como para compreender a metodologia utilizada por outros autores para atingirem o objetivo de suas pesquisas.

Por essa razão, define-se para esta pesquisa a análise de duas revistas atuais de arquitetura, a AU – Arquitetura e Urbanismo, da editora PINI, e a revista Projeto Design, da editora Arco. Para o aprofundamento do tema, serão analisados alguns cargos de prestígio do campo arquitetônico e urbanístico, das principais entidades que caracterizam a profissão e ainda, algumas premiações serão analisadas em busca de protagonistas femininas.

3. APLICAÇÃO AO TEMA DELIMITADO: AS REVISTAS, AS INSTITUIÇÕES E OS PRÊMIOS DE ARQUITETURA

Este capítulo está em desenvolvimento para o próximo semestre e nele serão apresentadas as revistas selecionadas para a investigação da representatividade feminina nelas contidas, as revistas escolhidas foram:

1. Projeto Design
2. AU – Arquitetura e Urbanismo

De acordo com Dedecca (2012, p.86), após 1950 as revistas de arquitetura foram responsáveis por fomentar debates críticos acerca de temas políticos e econômicos. Essas críticas não foram bem aceitas pelo governo militar vigente na época, que levou a suspensão da publicação dos periódicos relacionados à arquitetura em 1971 (SOUZA, 2014, p. 156). Então, como mostra Segawa, Crema e Gava (2003, p.122), para preencher a lacuna nas publicações arquitetônicas, surgem as revistas Projeto Design (1977) e AU – Arquitetura e Urbanismo (1985).

Ambas revistas mantêm suas publicações até os dias de hoje, sendo as mais antigas revistas ativas relacionadas à AUPD no Brasil. Elas são o porta-voz da arquitetura para a sociedade em geral e para profissionais, retratando transformações no cenário arquitetônico de modo a perpetuar o contexto arquitetônico em determinado contexto social e econômico. Essas transformações que são o foco desta pesquisa, buscando entender como as mulheres atuaram nas diversas áreas da arquitetura de forma a despontarem nos artigos de revistas tão conceituadas.

Também, são introduzidas algumas das principais entidades que representam os Arquitetos e Urbanistas do Brasil:

1. Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB),
2. Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (AsBEA),
3. Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA),
4. Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas (FNA),
5. Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU).

As entidades escolhidas são as responsáveis por fomentar discussões, fornecer apoio e orientar profissionais, assim como difundir conteúdos arquitetônicos e formar uma rede de socialização entre arquitetos e a sociedade. São essas as principais entidades que representam os arquitetos perante autoridades administrativas e realizam uma série de ações para coordenar e regularizar a profissão. Por isso, nesta pesquisa, serão analisados os cargos mais elevados desses órgãos, de maneira a entender quem foram – e são, os homens e mulheres que simbolizam a profissão.

E para investigar o reconhecimento da produção feminina, serão apresentadas as principais premiações para arquitetos no Brasil:

1. Premiação IAB -RJ,
2. Prêmio Arquiteto do Amanhã,
3. Colar de Ouro do IAB,
4. Premiação IABsp,
5. Prêmio Arquiteto e Urbanista do Ano,
6. Prêmio AsBEA de Arquitetura.

As premiações escolhidas, em sua grande parte estão relacionados às instituições mencionadas anteriormente e foram criados com o intuito de valorizar a produção arquitetônica nacional, incitar discussões críticas e promover a busca por novas soluções nas obras. São esses prêmios os responsáveis por atrair a atenção à diferentes personalidades e homenagear profissionais que se destaquem por suas criações. Desse modo, serão investigados quem foram os vencedores e vencedoras dessas premiações, que receberam notoriedade e homenagens pelas suas produções entre 2001 e 2019.

Sendo as revistas, as instituições e premiações os meios de acesso da sociedade em geral ao contexto arquitetônico e nomes de destaque nele existentes, é fundamental analisar qual o posicionamento feminino nesse contexto e como as arquitetas estão sendo representadas perante à sociedade. Através desses objetos de estudo selecionados, será possível entender se a produção das mulheres arquitetas vem recebendo notoriedade. Desse modo, esses objetos de estudo serão apresentados de acordo com a sua data de criação, apontando como e onde surgiram e qual o seu papel relacionado ao meio arquitetônico. Posteriormente, serão analisados e todas as informações coletadas serão elencadas através de tabelas e resumidas através de gráficos que auxiliam na compreensão dos dados coletados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, destaca-se que esta pesquisa buscou aumentar a visibilidade para as questões de gênero no campo da arquitetura e do urbanismo, no âmbito social, acadêmico e profissional. Dessa maneira, foi evidenciada a hipótese de que ainda há falta de representatividade feminina em espaços protagonistas da profissão. O marco teórico norteou toda a pesquisa que foi realizada de acordo com o percurso descrito no encaminhamento metodológico.

Este estudo, em sua primeira parte, relacionou a questão de gênero ao âmbito arquitetônico e urbanístico e seus quatro pilares principais, fundamentando assim, a intenção de enriquecer o trabalho através de referências importantes para o plano acadêmico. E então, buscou-se através da história, entender os motivos pelos quais as mulheres não se destacaram no âmbito profissional por um longo período da história da humanidade e também, mais especificamente no Brasil.

Em sua segunda parte, a pesquisa apresentou artigos fundamentais para nortear e colaborar na maneira utilizadas por autores reconhecidos, sobre como selecionar e investigar revistas. Cabe ressaltar que alguns trabalhos apresentados estão relacionados ao tema da presença feminina na arquitetura, o que demonstra que a discussão de gênero tem conquistado o seu espaço no âmbito acadêmico. Montaner e Muxí (2014, p.232) ressaltam que para que se possa desconstruir um discurso já estabelecido e não permanecer no senso comum, é essencial que sejam feitas discussões, análises e indagações que representem as realidades de todos os grupos que compõem a sociedade. Por isso, o fato de que a diversidade está sendo cada vez mais reconhecida e discutida no plano acadêmico da arquitetura e no urbanismo é fundamental para auxiliar na formação de profissionais atentos às necessidades de todas as pessoas e que contribuam através da arquitetura, com a inclusão de toda a população.

A terceira parte do trabalho está em desenvolvimento e será apresentada no próximo bimestre, nela serão apresentados os objetos de estudo que serão analisados futuramente: as revistas, instituições e premiações que fazem parte do contexto arquitetônico e urbanístico, representando e divulgando a profissão em meio à sociedade. Posteriormente, serão analisados em busca da colaboração e participação feminina nesses objetos, para que se possa compará-los com a participação e influência masculina que a arquitetura e o urbanismo obtiveram até então e por fim, responder ao questionamento principal dessa pesquisa.

Isto posto, até então, o presente trabalho proporcionou uma importante experiência no entendimento do desenvolvimento da arquitetura e urbanismo como um todo e como se deu a presença feminina no campo acadêmico e profissional. Foi possível observar que as mulheres enfrentaram diversos obstáculos impostos por uma sociedade que, em grande parte, ignorou e não reconheceu a sua produção. O fato de a contribuição feminina não ser mencionada em diversos períodos da história, priva acadêmicos de se identificarem com personalidades variadas e compreenderem a diversificação do campo arquitetônico.

A retomada dessas discussões é fundamental para que possamos fazer uma análise crítica de como a história da arquitetura vem sendo relatada e as consequências pela ocultação feminina. Ainda, preencher essas lacunas é essencial para recuperar histórias esquecidas e é através do debate das questões de gênero, que se entende as verdadeiras motivações de discussões feministas. Geralmente utilizar o termo “feminista” recebe uma conotação negativa por conta de radicalismos e acaba por distanciar as pessoas do conhecimento da infinidade da contribuição feminina para o contexto arquitetônico.

E mesmo assim, diversas mulheres persistiram e encorajaram outras a seguirem os seus passos e a conquistarem o seu espaço em todas as áreas que a arquitetura dispõe. Atualmente, pela primeira vez na história, as mulheres são maioria na arquitetura e espera-se que esse crescimento seja acompanhado do reconhecimento e valorização de seu trabalho e contribuição na construção de um mundo inclusivo e diversificado.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de (Coord.). **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.
- AGREST, Diana I. À margem da arquitetura: corpo, lógica e sexo. In: **Uma nova agenda para a arquitetura**. NESBITT, K (org.). Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: COSACNAIFY, 2006.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **A transição da fecundidade no Brasil e no mundo segundo as novas projeções da ONU**. EcoDebate. Informações, artigos e notícias socioambientais. 2019. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2019/06/28/a-transicao-da-fecundidade-no-brasil-e-no-mundo-segundo-as-novas-projecoes-da-onu-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>>. Acesso em: 26 ago. 2019.
- AMORA, Ana Albano. Arquitetura em Revista: o moderno e a tradição em dois periódicos representativos dos campos acadêmico e profissional da arquitetura e do urbanismo. In: **Seminário Docomomo Brasil**, 18p., v. 8. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: <<http://docomomo.org.br/course/8-seminario-docomomo-brasil-rio-de-janeiro/#more-1782>>. Acesso em: 22 set. 2019.
- ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. **Arquitectura: substantivo feminino: contribuição para uma história das mulheres na arquitectura**. 217p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10316/20558>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- ARAÚJO, Anete. Estudos de gênero em arquitetura. Um novo referencial teórico para a reflexão crítica sobre o espaço residencial. In: **Espaço privado moderno e relações sociais: 1930 – 1949**. v. 5, n. 1, p. 11-22. 2006. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1427>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- ARAÚJO, Fanny Schroeder de Freitas; LIMA, Ana Gabriela Godinho de. Trabalho de Mulheres: estética feminina e moralidade. In: **Revista Arquitetas Invisíveis: nas sombras**. v. 2, n. 1, p. 17-19. 2018. Disponível em: <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/revist>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary del Priore (org.). 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- BARATTO, Rômulo. **Em foco**: Frank Gehry. ArchDaily Brasil. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-179571/feliz-aniversario-frank-gehry>>. Acesso em: 27 ago. 2019.
- BATAILLE, Georges. **Euvres complètes I. Première écrits**. Paris: Gallimard, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 1. Fatos e Mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: obras escolhidas**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BEYNON, Huw. A destruição da classe operária inglesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 10, p. 5-27. 1995. Disponível em: <<http://anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/210-rbcs-27>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

BLUNT, Anthony. **Borromini**. 5. ed. Estados Unidos: Editora Belknap da Universidade de Harvard, 2001.

BONET, Llorenç. **Gustave Alexandre Eiffel**. Madrid: Ed. Asppan SL, 2003.

BORGES, Carolina. O belo e o ornamento: relações entre Vitruvio, Leon Battista Alberti e Guarino Guarini. In: **Revista Estética E Semiótica**. v. 4, n. 2, p. 158-168. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v4.n2.2014.08>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

BROWN, Denise Scott. Room at the Top? Sexism and the Star System in the Architecture. In: **Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction**. BORDEN, I.; PENNER, B.; RENDELL, J. (org.). New York: Routledge, 2000.

BURKE, Peter. **O renascimento**. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

CARLSON, Robert E. British Railroads and Engineers and the Beginnings of American Railroad Development. In: **Business History Review**. v. 34, n. 2, p. 137-149. 2012. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/journals/business-history-review/issue/83684C5F65A516B0E9FC297153A11B0F>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

CAUNETO, Leandro Vinícius Miranda. **A poesia tardia de Michelangelo Buonarroti e a crise religiosa do século XVI**. 314p. Dissertação (Mestrado em Língua, Letras e Culturas Italianas). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-26082016-135244/publico/2016_LeandroViniciusMirandaCauneto_VOrig.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2019.

CAUFAG - **Manual de TC 2019.2**. Obra não editada. Cascavel – PR: FAG, 2019. Disponível em: <<https://www.fag.edu.br/arquitetura/tcc>> Acesso em: 19 ago. 2019.

CELANI, Gabriela. O método projetual de Andrea Palladio: uma implementação em VBA. 6p. In: **XVIII Simpósio Nacional de Geometria Descritiva e Desenho Técnico**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em:

<http://www.exatas.ufpr.br/portal/docs_degraf/artigos_graphica/OMETODOPROJETUAL.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2019.

CHING, Francis D.K.; ECKLER, James F. **Introdução à Arquitetura**. Porto Alegre: Bookman Editora, 2014.

COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2002.

DEDECCA, Paula Gorenstein. **Sociabilidade, crítica e posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)**. 403p. Dissertação (Tese de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/en.php>>. Acesso em: 18 set. 2019.

DELAQUA, Victor. **Dia do Arquiteto: As arquitetas brasileiras**. Archdaily Brasil. 15 dez 2014. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/759075/dia-do-arquiteto-as-arquitetas-brasileiras>> Acesso em: 23 ago. 2019.

DIAS, Elaine. Os escritos de quaternaire de quincy, percier e fontaine nos discursos de félix-émile taunay. 8p. In: **IV encontro de história da arte**. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2008/DIAS,%20Elaine%20-%20IVEHA.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary del Priore (org.). 7 Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

DUBY, Georges. **Idade Média, idade dos homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DUQUE, Katarina. **Em foco: Zaha Hadid**. Traduzido por Romullo Baratto. Archdaily Brasil. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/756488/em-foco-zaha-hadid>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FABRIS, Annateresa. A crítica modernista à cultura do ecletismo. In: **Revista de Italianística**, v. 3, n. 3, p. 73-84. 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v3i3p73-84>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FARINASSO, Gabriela Cascelli; FREIRE, Raquel de Araújo. Público e Privado, Masculino e Feminino. In: **Revista Arquitetas Invisíveis: nas sombras**. v. 2, n. 1, p. 101-104. 2018. Disponível em: <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/revist>>. Acesso em: 27 ago. 2019

FAZIO, Michael; MOFFETT, Marian; WODEHOUSE, Lawrence. **A história da arquitetura mundial**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2011.

FELL, José Arthur. A holística de Vitruvius. In: **Revista Tecnologia e Tendências**, v. 2, n. 1, p. 39-52. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistatecnologiaetendencias/article/view/1387>>. Acesso em 26 ago 2019.

FIGUEIRÊDO, Ediliane Lopes Leite de. **Beecher Stowe e Jorge Amado - Da Cabana ao trapiche: Uma visão jusliterária da Injustiça Social**. 131p. Dissertação (Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade) Departamento de Letras e Artes. Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2011. Disponível em:

<<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/2585>>. Acesso em 26 ago 2019.

FONTES, Marina Lima de. **Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista**. 225p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de Brasília. Brasília, 2016. Disponível em:

<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22280>>. Acesso em: 13 ago. 2019.

FRAMPTON, Kenneth. **Le Corbusier**. Madrid: Ed. Akal, 2001.

FRAZÃO, Dilva. **Donatello**. Escultor Italiano. eBiografia. Disponível em:

<<https://www.ebiografia.com/donatello/>>. Acesso em 26 ago 2019.

GÁTI, Andrea. Esposas: A consorte nas parcerias profissionais entre arquitetos. In: **Revista Arquitetas Invisíveis: nas sombras**. v. 2, n. 1, p. 23-26. 2018. Disponível em:

<<https://www.arquitetasinvisiveis.com/revist>>. Acesso em 27 ago. 2019

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Antonio Carlos Gil. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIULANI, Paola Cappellin. Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary del Priore (org.). 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

GLANCEY, Jonathan. **História da arquitetura**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GYMPEL, Jan. **História da Arquitetura**. Da antiguidade aos nossos dias. Colónia: Konemann, 2001.

HEYNEN, H. **Modernity and domesticity**. Tensions and contradictions. Londres: Routledge, 2005.

HIBBARD, Howard. **Bernini**. 16. Ed. Reino Unido: Penguin Books, 1990.

HIBNER, Elzbieta. **Polish women, solidarity and feminism**. Entrevista concedida a Anna Reading. 1. ed. Londres: Grahame & Grahame, 1992.

HOBBSAWM, Eric J. **A era das revoluções**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre história**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

HOLANDA, Frederico de. Arquitetura sociológica. In: **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 9, n. 1, p. 115-129. 2007. Disponível em:

<<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/174>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil**. IBGE, Coordenação de População e

Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: 2018. Disponível em:
<<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101551>>.
Acesso em: 26 ago. 2019.

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS
ANÍSIO TEIXEIRA. **Mulheres são maioria na Educação Superior brasileira**. Artigo. 2018
Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206>. Acesso em: 26 ago. 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KANAN, Lilia Aparecida. Poder e liderança de mulheres nas organizações de trabalho. **Organizações & Sociedade**, v. 17, n. 53, p. 243-257. 2010. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-92302010000200001>.
Acesso em: 27 ago. 2019.

KRZYZANOWSKI, Rosaly Favero; FERREIRA, Maria Cecília Gonzaga. Avaliação de periódicos científicos e técnicos brasileiros. In: **Ciência da informação**, v. 27, n. 2, p. 165-175. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v27n2/rosaly1.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2019.

KUHLMANN, Dörte. **Gender Studies in Architecture: Space, Power and Difference**. Nova York: Routledge, 2014.

LANCINI, Giulia Carvalho. **Brunelleschi e o Desenho Arquitetônico**. 80p. Relatório de Iniciação Científica. Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Carlos, 2014. Disponível em: <<https://www.iau.usp.br/pesquisa/grupos/nelac/wp-content/uploads/2015/01/Relatorio-final-Brunelleschi-e-o-desenho-arquitetonico.pdf>>.
Acesso em: 27 ago. 2019.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX**. e-book. ed. São Paulo: Altamira, 1999.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. **Revendo a história da arquitetura: uma perspectiva feminista**. 179 p. Dissertação (Doutorado em História da Educação e Historiografia). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004. Disponível em: <https://bdpi.usp.br/single.php?_id=001410487>. Acesso em: 13 set. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MALARD, Maria Lucia. Forma, arquitetura. In: **Interpretar Arquitetura**, v. 6, n. 1, p-1-11. 2004. Disponível em: <http://www.arq.ufmg.br/eva/textos_2.htm>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MANZO, Abelardo J. **Manual para la preparación de monografías: una guía para presentar informes y tesis**. Buenos Aires: Humanitas, 1971.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MAS, Catherine. **Private Housekeepers, Public Health-keepers: The Economy of Health in Catharine Beecher's Domestic Ideology**. 75p. Dissertação (Tese de Licenciatura). Departamento de História. Universidade de Columbia. Nova York, 2012. Disponível em <<https://asit-prod-web1.cc.columbia.edu/historydept/wp-content/uploads/sites/20/2017/07/Catherine-Mas.pdf>>. Acesso em 26 ago. 2019.

MATOS, Marlise. Mulheres e Política – da cidadania inacabada das mulheres no Brasil a um projeto de desenvolvimento brasileiro sustentado. In: **Autonomia e Empoderamento da Mulher: Textos Acadêmicos**. FUNAG (org). v. 1, n. 1, p. 207-228. 2011. Disponível em <http://funag.gov.br/loja/index.php?route=product/product&product_id=236>. Acesso em: 13 set. 2019.

MAYORGA, Claudia; ÍÑIGUEZ-RUEDA, Lupicinio. Gênero, feminismo e cidades. URBS. In: **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, v. 9, n. 1, p. 9-15. 2019. Disponível em <http://www2.ual.es/urbs/index.php/urbs/article/view/mayorga_iniguez_rueda>. Acesso em 27 ago. 2019.

MAYTHAM, Thomas N. **Henri Labrouste, architect; a bibliography**. Estados Unidos, Virgínia: American Association of Architectural Bibliographers, 1968.

MENDES; Chico; VERÍSSIMO; Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil: de Cabral a Dom João VI**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

MENDONÇA, Débora Barbam. **Botticelli: pintura e teoria**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MEZALIRA, Mariela; SPOLAOR, Silvia Maria Caser. As mulheres na sombra – edificando a casa e o lar social. In: **Revista Arquitetas Invisíveis: nas sombras**. v. 2, n. 1, p. 12-16. 2018. Disponível em: <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/revist>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e política. Ensaaios para mundos alternativos**. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: a arquitetura da segunda metade do século XX**. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MUSSO, Carlos G. Imhotep: The Dean among the Ancient Egyptian Physicians - An example of a complete physician. Nephrology Dept., Hospital Italiano de Buenos Aires, Argentina. In: **Humane Medicine**. v. 5, n. 1, p. 1-5. 2005. Disponível em: <<https://hekint.org/antiquity/>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

NETTO, José Teixeira Coelho. **A construção do sentido na arquitetura**. – 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. In: **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1-5. 1996. Disponível em: <http://www.academia.edu/download/34607124/pesquisa_qualitativa_caracteristicas_usos_e_possibilidades.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2019.

OLIVEIRA, Elisângela Magela. Transformações no mundo do trabalho, da revolução industrial aos nossos dias. In: **Caminhos de Geografia**, v. 6, n. 11, p. 84-96. 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15327>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU, 2017). **Apenas metade das mulheres em idade economicamente ativa participa do mercado de trabalho**. ONU Brasil. 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/apenas-metade-das-mulheres-em-idade-economicamente-ativa-participa-do-mercado-de-trabalho-diz-onu/>>. Acesso em 26 ago. 2019.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PATIN, Thomas. From Deep Structure to an Architecture in Suspense: Peter Eisenman, Structuralism, and Deconstruction. In: **Journal of Architectural Education**, v. 47, n. 2, p. 88-100. 1993. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/10464883.1993.10734581>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PEARLMAN, Jill E. **Inventing American Modernism: Joseph Hudnut, Walter Gropius, and the Bauhaus Legacy at Harvard**. Estados Unidos, Virgínia: Editora da Universidade de Virgínia, 2007.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. O espírito eclético na arquitetura. In: **ArqTexto**. v. 1, n. 06, p. 126-137. UFRGS. Porto Alegre: 2003. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/PDFs_revista_6/11_Jaqueline%20Viel%20Caberlon%20Pedone.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. In: **Cadernos Pagu**, v. 1, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PERROT, Michelle. História (sexualização da). In: **Dicionário Crítico do Feminismo**. HIRATA, Helena; LABORIE, FRANÇOISE; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (org.). São Paulo: Editora FEU, 2009.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. In: **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**. v. 1, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/10>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

PRATAS, Gloria Maria. Trabalho e religião: o papel da mulher na sociedade faraônica. In: **Mandrágora**, v. 17, n. 17, p. 157-173, 2011. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/download/2752/2938>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

PUGSLEY, Alfred. **The Works of Isambard Kingdom Brunel: An Engineering Appreciation**. Inglaterra: Editora da Universidade de Cambridge, 1980.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary del Priore (org.). 7 Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

RAMOS, Fernando G. Vázquez; TOURINHO, Andréa de Oliveira Tourinho. O Ensaio sobre a arquitetura, de Marc-Antoine Laugier: um tratado da simplicidade. In: **Revista arq.urb**, v. 13, n. 1, p. 171-182. 2015. Disponível em: <https://www.usjt.br/arq.urb/numero_13.html>. Acesso em: 16 set. 2019.

ROBINS, Gay. The names of Hatshepsut as king. In: **The Journal of Egyptian Archaeology**, v. 85, n. 1, p. 103-112. 1999. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/030751339908500107>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

ROTH, Leland. **Entender a arquitetura**. Seus elementos, história e significado. Tradução Joana Canedo. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

RUBINO, Silvana. **Rotas da modernidade: trajetória, campo e história na atuação de Lina Bo Bardi, 1947-1968**. 262p. Dissertação (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo. 2002. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280169>>. Acesso em: 23 ago. 2019.

SÁ, Flávia Carvalho de. **Profissão: Arquiteta**. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero. 196p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-18012011-113711/publico/Flavia_Sa.pdf>. Acesso em: 13 set. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. 11. Ed. São Paulo: Moderna, 1987.

SCOTT, Joan. **A mulher trabalhadora**. In: DUBY, G.; PERROT, M. (Org.). In: **História das Mulheres**. O século XIX. Porto: Afrontamento, 1991.

SCHULZE, Franz; WINDHORST, Edward. **Mies van der Rohe: A critical biography**. Estados Unidos, Chicago: Editora da Universidade de Chicago, 2012.

SEGAWA, Hugo; CREMA, Adriana; GAVA, Maristela. Revistas de arquitetura, urbanismo, paisagismo e design: a divergência de perspectivas. In: **Ciência da Informação**, v. 32, n. 3, p. 120-127. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ci/v32n3/19031.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2019.

SICCAU. **Inédito: visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo**. 2019. Disponível em: <<https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>> Acesso em: 18 ago. 2019.

SOUZA, Jacqueline Adriana Diorio de. **A prática profissional do arquiteto no Brasil: o debate em revistas especializadas (1962-1996)**. 272p. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Carlos, 2014. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-02072013-144823/en.php>>. Acesso em: 15 out. 2019.

SPERLING, David Moreno. **Espaço e Evento**: considerações críticas sobre a arquitetura contemporânea. 190p. Dissertação (Doutorado da Área de Concentração: Projeto, Espaço e Cultura). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-04032010-161052/en.php>>. Acesso em 27 ago 2019.

STAMPER, John W.; MARK, Robert. Structure of the Galerie des Machines, Paris, 1889. In: **History and Technology**: An international Journal. v. 10, n. 2, p. 127-138. 1992. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/07341519308581841?journalCode=ghat20>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

STUMPF, Ida Regina Chitto. Reflexões sobre as revistas brasileiras. In: **Intexto: revista do Mestrado da Comunicação**. v.1, n.3, p. 1-10. 1998. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/26561>>. Acesso em: 22 set. 2019.

TEIXEIRA, Thays. Eileen Gray e a crítica de gênero. In: **Revista Arquitetas Invisíveis**: nas sombras. v. 2, n. 1, p. 27-29. 2018. Disponível em: <<https://www.arquitetasinvisiveis.com/revist>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

THYS-SENOCAK, Lucienne. **Ottoman women builders**: The architectural patronage of Hadice Turhan Sultan. Nova York: Routledge, 2017.

THORNE, Robert. **Structural Iron and Steel, 1850–1900**. Londres: Routledge, 2017.

UNGUREANU, Cosmin. Sia funzion la rappresentazione. Carlo Lodoli and the Crisis of Architecture. In: **RIHA Journal**, v. 18, n. 1, p. 1-25. 2011. Disponível em: <<http://www.riha-journal.org/articles/2011/2011-jan-mar/ungureanu-carlo-lodoli>>. Acesso em: 16 set. 2019.

VÁRNAGY, Tomás. O pensamento político de John Locke e o surgimento do liberalismo. In: **Filosofia política moderna**. De Hobbes a Marx. Capítulo de livro. p 45-79. Departamento de Ciências Políticas, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, USP, Universidade de São Paulo. 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/04_varnagy.pdf>. Acesso em 27 ago 2019.

VIEIRA, Adriane; AMARAL, Grazielle Alves. A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. In: **Saúde e sociedade**, v. 28, n. 2, p. 403-414, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/sausoc/>>. Acesso em: 27 ago. 2019.

WALKER, Lynne. Women and architecture. In: **A View from the Interior: Feminism, Women and Design**, v. 7, n. 1, p. 90-105. Kirkham, Pat. Attfield, Judy (org.). Londres: The Women's Press, 2000.

WADSWORTH, Ginger. **Julia Morgan, Architect of Dreams: Architect of Dreams**. Estados Unidos, Minneapolis: Twenty-First Century Books, 1990.

ZELIZER, Barbie (Ed.). **Visual culture and the Holocaust**. Londres: A&C Black, 2001.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZÖLLNER, Frank. **Leonardo da Vinci, 1452-1519**. Alemanha: Taschen, 2000.

ZUFFO, Élida Regina de Moraes. **Pioneiros modernos: verticalização residencial em Higienópolis**. 35p. Dissertação (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo. 2009.

Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2572>>. Acesso em: 27 ago. 2019.